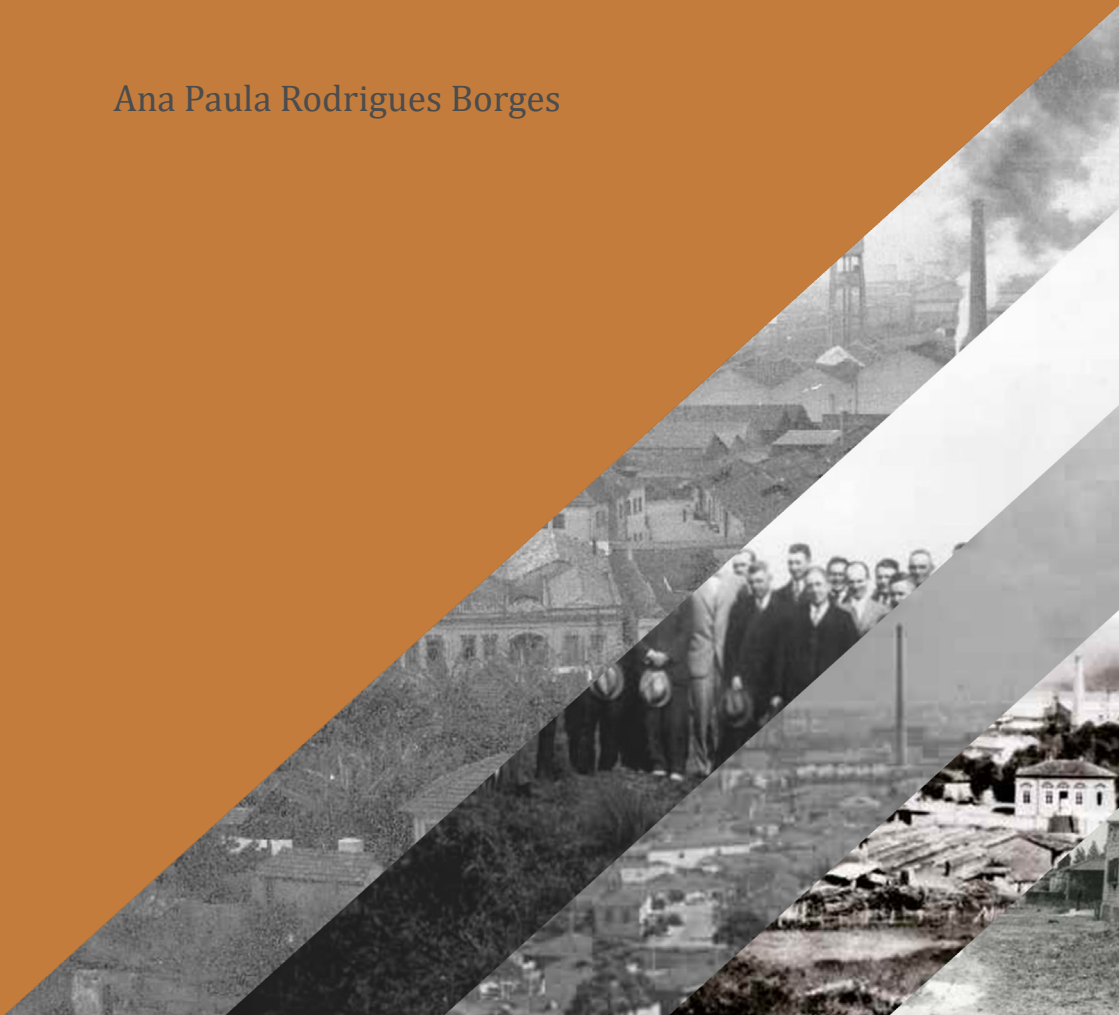


Subúrbio em Conflito: a urbanização de São Caetano do Sul

Ana Paula Rodrigues Borges



Subúrbio em Conflito: a urbanização de São Caetano do Sul

Ana Paula Rodrigues Borges

FAU USP 2022

Banca Examinadora

Orientadora: Prof. Dra. Ana Claudia Scaglione Veiga de Castro

Convidadas: Dra. Cristina Toledo de Carvalho

Prof. Dra. Maria Lucia Refinetti Rodrigues Martins

Agradecimentos

Primeiramente aos meus pais, Carmem e Paulo, por todo o apoio, amor e incentivo ao longo da vida e durante este trabalho.

À minha família, inclusive aos que não estão mais presentes, pelo carinho e pelo legado de memórias. Em especial à minha avó Maria, por todo o afeto e pelas lembranças compartilhadas para esta pesquisa, e ao meu tio José Carlos, pelo cuidado de anos com os registros materiais da família e por incutir em mim o apreço à história da cidade.

À Marlene, por sua disponibilidade e generosidade em doar seus relatos para este texto.

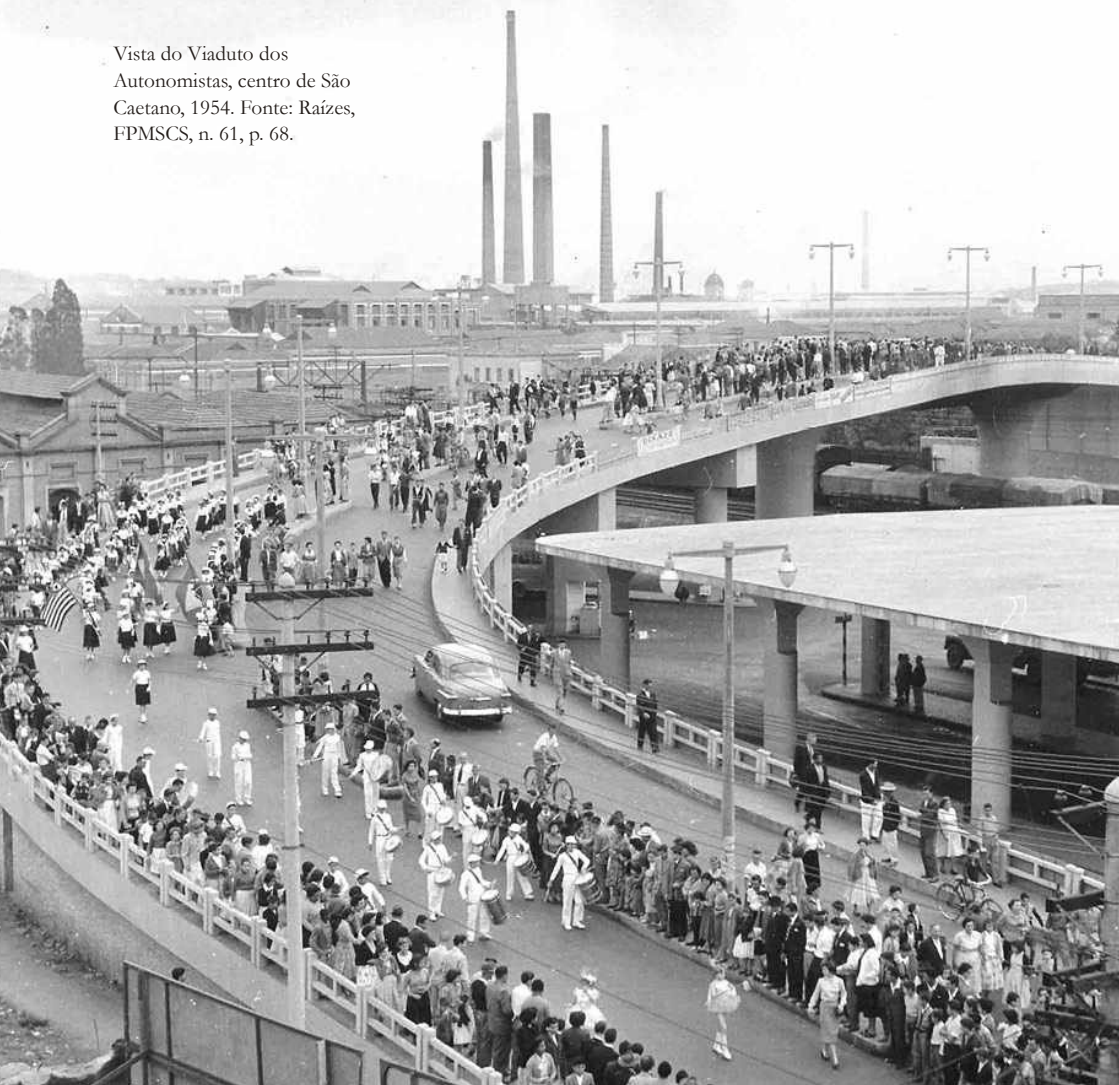
À Maria Lucia e Cristina por gentilmente aceitarem participar da minha banca e também pelas ideias que contribuíram para este trabalho.

À Alvaro, Lucas e Beatriz por compartilharem das minhas ideias, reflexões e angústias ao longo do TFG.

À Andresa, Fabiana, Giovanna, Leonardo, Luana, Luiza, Mariana, Mirella, Raul e Roberto, meus amigos da FAU e de São Caetano, pelo companheirismo e pelos momentos de descontração.

À Ana, por ter aceitado ser minha orientadora, por todo o incentivo e por ter me guiado ao longo deste caminho.

Vista do Viaduto dos
Autonomistas, centro de São
Caetano, 1954. Fonte: Raízes,
FPMSCS, n. 61, p. 68.



Indústrias no bairro Fundação,
primeiro de São Caetano. Fonte:
Raízes, FPMSCS, n. 61, p. 67.



Sumário

Introdução	11
1. Os Conflitos nas Origens de São Caetano: vocação agrícola x indústria	15
2. A Indústria e a Identidade se Estabelecem: a construção da memória como ferramenta de segregação	25
3. São Caetano do Sul no ABC e na Metrópole: a organização urbana após a autonomia	43
4. A “Desindustrialização”: antigos e novos problemas da cidade metropolitana	62
Considerações finais	74
Anexos	75
Anexo A. Transcrição de entrevista com Maria Rodrigues	75
Anexo B. Transcrição de entrevista com Marlene Damas	82
Referências	101



Vista aérea do bairro Santo
Antônio. Fonte: Raízes,
FPMSCS, n. 62, p. 111.

Introdução

A ideia de pesquisar a história da formação urbana de São Caetano do Sul nasceu anos antes do início do Trabalho Final de Graduação, ainda no meio do meu percurso na FAU USP, ao ser apresentada ao processo de urbanização da cidade de São Paulo, algo que me instigou a conhecer a formação da minha própria cidade. Percebi como a história de São Caetano se mescla à história da formação da metrópole paulista, metrópole essa que se expandiu a partir do centro da capital em direção aos arrabaldes, mas também que se constituiu desde o crescimento e a urbanização de cada vila ou povoado do subúrbio, num duplo movimento que foi ao longo dos séculos convergindo para o surgimento do que chamamos de Região Metropolitana de São Paulo.

Mas, por mais que São Caetano tenha surgido como parte dos mesmos processos históricos que atuaram na urbanização da metrópole paulista, o que norteou e alimentou este trabalho foi a vontade de lançar luz sobre um recorte específico daquela história, mirando na constituição do subúrbio, em especial um deles, algo que me parece ainda pouco abordado quando se discute a metropolização de São Paulo. Evidentemente, como moradora de São Caetano, essa história é também a minha história, mobilizando memórias e afetos, meus e da minha família, eles também moradores e agentes da sua construção.

Desde o início da pesquisa, percebi que a imagem mais comum de São Caetano, que exhibe uma cidade organizada e com bons índices de desenvolvimento humano, distante dos problemas corriqueiros dos municípios vizinhos, era uma imagem que escondia alguns conflitos. Com o avançar da pesquisa, pude notar que algumas tensões fundiárias e sociais, que apareciam no momento da sua emancipação (na metade do século XX) eram constitutivas da própria formação urbana da localidade (no século XIX) e assim percebi que as contradições também estavam presentes na construção das suas memórias e identidade.

Neste estudo, parto de um caminho que já foi trilhado por outros

antes de mim. São Caetano, ao contrário de outras localidades no subúrbio e na periferia de São Paulo, possui uma bibliografia própria, ainda que modesta. É com base nessa produção que esta pesquisa foi sendo construída, relacionando de forma crítica diferentes autores com olhares diversos sobre a cidade e distintos momentos históricos, buscando construir nexos entre os processos de ocupação da cidade e seus moradores. Sem a intenção de refutá-la, o que esse texto propõe é a interpretação dessa historiografia existente, à luz de percepções contemporâneas e dos desdobramentos que a cidade vivenciou desde a publicação de alguns clássicos sobre a sua história.

Desta produção bibliográfica, algumas obras foram consideradas chave, como a tese de doutorado de Juergen Richard Langenbuch, “*A estruturação da Grande São Paulo: estudo de geografia urbana*” (1968), que aborda os processos históricos da metropolização de São Paulo, dentro dos quais a história de São Caetano e da região do ABC paulista se inserem, tornando possível contextualizá-la em um panorama mais amplo; o livro do sociólogo José de Souza Martins, *Subúrbio. Vida Cotidiana e História no Subúrbio da Cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República*, (1992), que foi elemento essencial para apresentar e discutir os conflitos existentes na formação do povoado de São Caetano e de sua identidade; bem como o livro *Migração e Urbanização. A presença de São Caetano na Região do ABC* (1993), do memorialista Ademir Medici, que forneceu dados e fotografias da cidade ao longo de todo o século XX, auxiliando essa pesquisa a descortinar realidades frequentemente escamoteadas sob uma visão pujante de São Caetano. Pelos mesmos motivos, ainda é importante mencionar a obra *Nostalgia* (1991), de Manoel Claudio Novaes, também memorialista da cidade¹.

Além desses textos, hoje considerados clássicos, a pesquisa também se apoiou em trabalhos mais recentes sobre a cidade, dentre eles a tese de Giancarlo Fabretti, “*A Metropolização Vista do Subúrbio: Metamorfoses do*

¹ Essa publicação, junto as de Medice e de Martins, faz parte de uma série histórica de livros lançados pela FPMSCS nos anos 1990. É importante mencionar que Novaes é meu tio-avô de modo que suas memórias compõem também as memórias coletivas da minha família. Sendo assim, além de sua obra publicada, seus relatos também contribuíram para essa pesquisa por meio da reprodução de suas lembranças por familiares e de manuscritos que ele deixou.

trabalho e da propriedade privada em São Caetano do Sul” (2013), que ao abordar eventos mais recentes, como o processo de “desindustrialização” do ABC, permite compreender seus impactos na atual reestruturação fundiária e urbana de São Caetano do Sul, bem como a tese de Cristina Toledo de Carvalho, “*Príncipe dos Municípios: a invenção da identidade de São Caetano do Sul (1948-1957)*” (2022), que apesar de ter sido lida apenas no final do processo de pesquisa, trouxe elementos valiosos para a compreensão das contradições presentes na construção da memória e da identidade do município, nos momentos que antecedem e sucedem a sua autonomia, confirmando intuições e hipóteses aqui esboçadas.

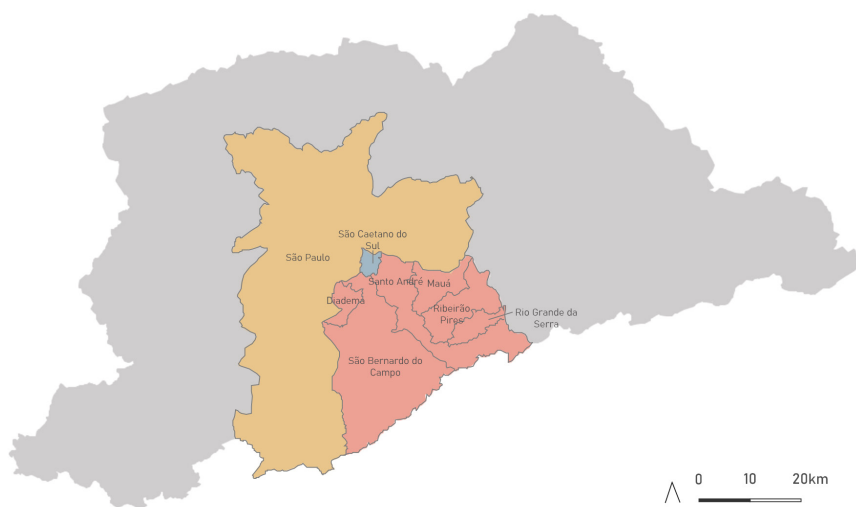
Além disso, a pesquisa se valeu de entrevistas com duas moradoras e da pesquisa de artigos, mapas e imagens na publicação semestral da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, a Revista Raízes. Esse breve levantamento fotográfico, que também foi realizado em outras fontes, buscou dar materialidade aos processos estudados, assim como o uso da cartografia levantada e da produção de uma nova cartografia.

Como um município pertencente a região industrial do ABC paulista, a indústria teve uma participação fundamental na urbanização de São Caetano, além de ter influenciado a expansão imobiliária e financiado grande parte da sua infraestrutura urbana. Mas a atuação dessa indústria no território não foi tranquila, e pode-se dizer que ela também foi indutora de inúmeros conflitos que constituem a história da cidade, e que se manifestaram mais explicitamente na paisagem no período que vai do ano da sua emancipação, em 1949, até os anos 1980, considerados fim de um ciclo desenvolvimentista no país.

Após alguns ensaios na estrutura do trabalho, a narrativa cronológica foi escolhida para apresentar São Caetano, como forma de evitar confusões e repetições no texto. Para percorrer esse caminho, essa pesquisa se divide em 4 partes, que buscam na história da urbanização da cidade destacar os conflitos que sempre a permearam:

A primeira apresenta as tensões entre a agricultura e os primórdios da industrialização, no início da formação urbana de São Caetano. A segunda discute a segregação social e a construção de uma identidade no momento de

consolidação da indústria no local. A terceira aborda as tensões que surgem com a organização de leis para a regulação da ocupação urbana, bem como, com a chegada de migrantes à cidade, no período no qual a industrialização no ABC é mais intensa. Por fim, a quarta parte, retoma os conflitos que constituem a história de São Caetano do Sul nos dias atuais, discutindo as novas atividades e formas de ocupação que se desenvolvem na cidade a partir de uma reorganização industrial no ABC, e contrapondo as narrativas consolidadas sobre São Caetano do Sul com alguns recortes de precariedade que ainda existem no município.



O ABC e São Caetano do Sul na região metropolitana de São Paulo.

1. Os Conflitos nas Origens de São Caetano: vocação agrícola x indústria

As origens de São Caetano remontam a um passado rural, como o da maioria dos subúrbios paulistanos, no entanto, com uma particularidade: a presença de um núcleo agrícola de imigrantes, planejado e assistido pelo Estado. E foi justamente a realidade do pequeno produtor em conflito com a chegada da indústria o que marcou a criação do primeiro povoado da região, ainda no final do século XIX, ao redor da estação São Caetano, onde surgiu uma pequena ocupação.¹

Até meados do século XIX, as terras de São Caetano formavam uma fazenda administrada por monges pertencentes à Ordem de São Bento. Os beneditinos haviam se tornado proprietários de grandes extensões de terras próximas ao encontro entre o Rio dos Meninos e o Rio Tamanduateí, a partir de doações feitas por antigos proprietários que administravam sesmarias na região, ainda no período colonial.²

Na fazenda de São Caetano os monges haviam desenvolvido um complexo rural que tinha como atividades as produções pecuária e agrícola, cujos produtos destinavam-se principalmente ao abastecimento das instituições da ordem. Mas também criaram ali uma olaria, que produzia telhas e tijolos utilizados na própria fazenda, e em outras construções beneditinas, sendo ainda comercializados para terceiros em São Paulo.³ Assim, nota-se que

1. A vila de São Caetano tem suas origens no final do século XIX, quando surge como um povoado no entorno de uma parada de trem da São Paulo Railway Company – a estação São Caetano –, ao longo da linha que ligava as cidades de Santos e São Paulo. O mesmo movimento aconteceu no entorno de outras estações, como foi o caso da estação de Nossa Senhora do Pilar, onde surgiria a vila de Pilar, depois denominada Mauá; e da Estação São Bernardo, que deu origem à cidade de Santo André.

2. Em 1631, os beneditinos receberam uma doação do capitão Duarte Machado e, em 1671, foram destinatários de outro repasse similar, realizado por Fernão Dias Paes como pagamento de uma promessa, o que fez da Ordem de São Bento a proprietária de duas áreas correspondentes à Fazenda de São Caetano do Tijucussu e de São Bernardo, ainda no século XVII (MARTINS, 1990).

3. Para essas funções os monges se utilizavam de mão de obra escravizada, índios administrados e negros. Segundo José de Sousa Martins (1992), em 1730 a fazenda já contava com a casa dos monges, uma senzala, uma capela edificada, em 1717, e um dos três fornos que compuseram a olaria beneditina. Essas

mesmo que a atividade agrícola fosse a principal, uma pequena manufatura já se estabelecia ali desde aquele momento. Implementada pelos monges, a fabricação cerâmica merece destaque, pois viria a conformar-se em uma das principais atividades manufatureiras e, posteriormente, industriais da região.⁴ Inicialmente, as telhas e tijolos da Fazenda de São Caetano eram escoados por barco, através do Rio Tamanduateí, até o Porto Geral (na região da atual rua 25 de março em São Paulo), onde então eram comercializados (MARTINS, 1992).

Para além das terras que compunham o complexo da fazenda, a Ordem possuía um território maior, composto por áreas arrendadas para foreiros ou que se encontravam à disposição para uso comum como pasto. Mas a principal fonte de renda do complexo se tornou o comércio cerâmico:

Nas contas do mosteiro, a quantia proveniente do aforamento de terras era ínfima: durante 47 anos, de 1871 a 1828, os foros arrecadados pelo Mosteiro alcançaram tão somente 2,4% do total dos vários rendimentos obtidos no mesmo período. De fato, a principal fonte de recursos dos beneditinos estava na comercialização dos produtos das fábricas de telhas, tijolos e louças da Fazenda de São Caetano. (MARTINS, 1990)

Em 1867, com a criação da São Paulo Railway Company e o início da construção da ferrovia que conectaria Santos à São Paulo, a futura Santos-Jundiaí, parte das terras da fazenda foram vendidas para a passagem do trem, que avançava pelas áreas planas da várzea do Rio Tamanduateí em direção à capital.

Dez anos depois, em 1877, com a ferrovia já presente em seu território, a fazenda beneditina seria desapropriada pelo governo da província para a criação de um núcleo colonial, em parceria com o Ministério da Agricultura do Império. De acordo com Juergen Langenbuch (1968), este

são consideradas as primeiras construções do núcleo de São Caetano.

4. Algo que ocorreu também em Mauá, por exemplo, em função da passagem do Tamanduateí e da abundância do barro para as olarias e cerâmicas naquelas áreas. Aspecto que rendeu à cidade a alcunha de “Capital da Porcelana”. (NUNES, 2019)

projeto ainda contou com três outros núcleos coloniais: o da Glória, o de Sant'Anna e outro instalado na fazenda beneditina de São Bernardo.

A ideia da criação de colônias agrícolas na província de São Paulo fez parte de um processo de transição da mão de obra escravizada para a mão de obra livre que se ensaiava desde o primeiro reinado. Em 1828 foi inaugurada a colônia de Santo Amaro, que contou com a imigração de produtores alemães (LANGENBUCH, 1968). No entanto, com a promulgação das leis Eusébio de Queirós (1850), do Ventre Livre (1871) e dos Sexagenários (1885), esse processo se intensificou, devido à necessidade premente de substituição da mão de obra escravizada.

As políticas de imigração foram de dois tipos: uma que enxergava os imigrantes como fonte de mão de obra a ser utilizada nos grandes latifúndios (no caso de São Paulo, principalmente na produção de café), em regime de parceria (no qual eles não eram proprietários da terra, mas contratados do proprietário) como substituição à mão de obra escravizada. E outra que preconizava a instalação dos imigrantes como pequenos agricultores autônomos que, através da produção familiar, abasteceriam o mercado interno (LANGENBUCH, 1968). E que no caso do núcleo de São Caetano, abasteceriam principalmente a cidade de São Paulo. Estes imigrantes se tornariam proprietários da terra e teriam o processo de aquisição e instalação da lavoura assistido pelo Estado.

Nas terras desapropriadas da Fazenda de São Caetano foi implantado este segundo tipo de política de imigração, sendo criada uma colônia com lotes urbanos e rurais destinados a imigrantes de origem italiana, muitos deles interpelados ainda na Itália para aquisição dessas terras. Segundo Langenbuch (1968) e Martins (1992), esse núcleo fez parte de um projeto para a criação de um cinturão verde de abastecimento e controle de epidemias nos arrabaldes de São Paulo, e pressupunha também contribuir para uma política de branqueamento da população caipira da região, de origem mestiça indígena, negra e branca. Os articuladores do governo acreditavam ainda que o agricultor europeu possuía técnicas mais sofisticadas do manejo da terra que os brasileiros “(...) ainda que os imigrantes que vieram ao núcleo de São Caetano fossem camponeses oriundos de uma das regiões mais pobres da

Itália na época.” (FABRETTI, 2013). A partir de então, na segunda metade do século XIX, seis levas de imigrantes italianos chegaram ao território de São Caetano, consecutivamente nos anos de 1877, 1878, 1879, 1882, 1887 e 1890 (MEDICI, 1993).

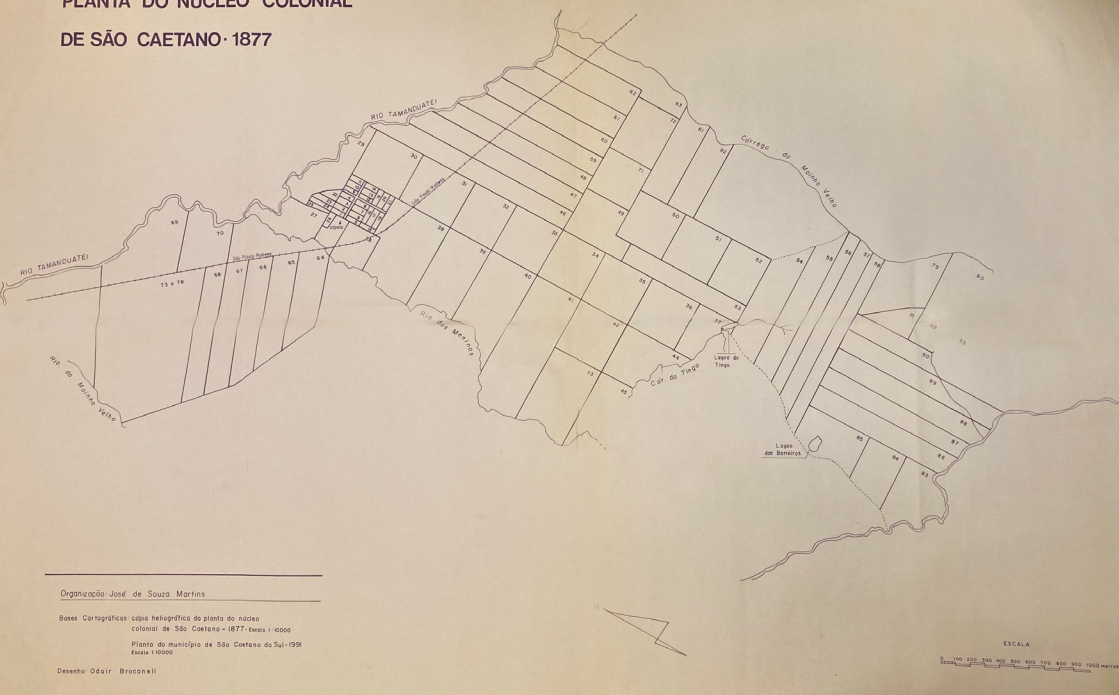
A ocupação dos colonos no núcleo de São Caetano teve início em julho de 1877, composta majoritariamente por famílias italianas que financiaram seus lotes ainda no país de origem. Estes colonos ocuparam provisoriamente as construções remanescentes da fazenda beneditina, principalmente as da antiga senzala, enquanto construíam residências em seus lotes. O escritório de imigração da província oferecia insumos básicos para a alimentação até que as lavouras do núcleo comessem a dar frutos, no entanto, essas provisões nem sempre chegavam com a frequência necessária e a morte, principalmente de crianças, era fato comum.⁵ Esses primeiros anos são retratados por Martins (1992) como um período duro para a instalação dos agricultores, que teriam encontrado dificuldades para sobreviver em meio à fome e aos surtos de doenças.

Essas dificuldades não foram particulares ao núcleo de São Caetano, no entanto, nos povoados da Glória e de Sant’Anna, a maior proximidade ao centro de São Paulo teria atraído os imigrantes desde o início para trabalhos urbanos, levando a extinção desses núcleos ainda em seus primeiros anos (LANGENBUCH, 1968). As experiências em São Caetano e São Bernardo, apesar das dificuldades, resistiram por mais tempo, talvez devido ao seu isolamento. Mas muitos colonos de São Caetano também se desfizeram de suas terras antes mesmo da quitação das dívidas, e ainda nos primeiros anos cerca de um quarto das famílias já tinham vendido seus lotes, fazendo o caminho de volta para a Itália ou rumando para outros locais do Brasil.

Das 70 famílias italianas, dezessete (24,3%) venderam suas terras antes de passados 11 anos de seu recebimento, seis das quais as venderam menos de 5 anos depois de recebê-las. (MARTINS, 1992)

5. Segundo os registros do primeiro ano da colônia, durante o qual esta ficou sob a tutela do Estado, teria havido a média de uma morte a cada cinco dias nos primeiros dois meses. (MARTINS, 1992)

PLANTA DO NÚCLEO COLONIAL
DE SÃO CAETANO - 1877



Planta do Núcleo Colonial de São Caetano, organizada por José de Sousa Martins. Fonte: Acervo da FPMSCS.

O núcleo, entretanto, sobreviveu, havendo também períodos de maior prosperidade econômica, como quando, por um breve momento, a produção de vinho animou agricultores como Emilio Rossi e seu sogro Giuseppe Braidó a abrirem uma loja na capital para o comércio da sua produção vinícola.⁶

Paralelamente, a presença da ferrovia e o baixo custo da terra, passaram a atrair novos empreendedores para a região da várzea do Tamanduateí, em um processo de expansão urbana norteador pela ferrovia, e pouco a pouco, indústrias e companhias de loteamentos começam a se interessar pelas terras da localidade.

6. “Emilio Rossi, que, com seu sogro Giuseppe Braidó, era colono em São Caetano, escreveu dois preciosos e otimistas relatos sobre essa época, cheios de frases em latim e citações poéticas. Ele próprio estava, ao que parece, no auge da prosperidade possível naquelas circunstâncias. Além de cultivar uvas e produzir vinho no núcleo colonial, abria um depósito de vinhos na Rua do Tesouro, na capital, onde vendia o vinho da marca São Caetano.” (MARTINS, 1992)

Os principais compradores das propriedades dos imigrantes, e do entorno da colônia foram grupos industriais e bancos. Aqueles tinham como objetivo instalar seus galpões em locais mais baratos e fora do alcance das diretrizes sanitárias de São Paulo, e estes adquiriam terras para especulação nos subúrbios, aguardando a valorização das propriedades à longo prazo, beneficiando-se dos lucros da revenda e de futuros empreendimentos.

Exemplo desse processo é a aquisição de um lote colonial pelo empresário José Coelho Pamplona, no local que fora antes ocupado pela olaria beneditina, para a instalação da Companhia Fábricas Pamplona, em 1896. Esta companhia, que ocupava um terreno na rua dos Andradas na capital, foi atraída pelo baixo custo das terras no subúrbio, construindo um ramal próprio da linha férrea que passava em São Caetano de modo a facilitar o recebimento de insumos e o escoamento da sua produção de sabão e graxas, mantendo ali as instalações de fornos cerâmicos que haviam na colônia rural (FABRETTI, 2013).

Outro agente comprador de terras agrícolas do núcleo foi o Banco União, que em 1890 instalou uma destilaria de bebidas alcóolicas e refinamento de açúcar em um terreno adquirido próximo à estação (FABRETTI, 2013). Essa fábrica movida à vapor funcionou por mais de duas décadas, até que o terreno fosse vendido e suas atividades encerradas, muito provavelmente em decorrência da valorização das terras.

Nesse período, a especulação imobiliária e a renda fundiária aparecem, portanto, como agentes transformadores não só da realidade rural de São Caetano, mas de diversos subúrbios vinculados à cidade de São Paulo:

(...) um dos capítulos fundamentais da história da industrialização e da acumulação de capital na área metropolitana de São Paulo foi o da manipulação da renda fundiária urbana como fonte de recursos. As primeiras indústrias muito cedo preferiram mudar-se para o que na época era campo, ou aí instalar-se, como a Moóca, Ipiranga, São Caetano, São Bernardo, ou Pirituba, Água Branca, Lapa e Barra Funda. Os que saíam do que foi se tornando centro de São Paulo podiam transformar a renda fundiária, representada pelo preço de seus imóveis, em capital aplicado em instalações e equipamentos. Ou, ainda, podiam poupar a conversão

de capital em renda fundiária, estabelecendo-se em terrenos distantes do centro e de preço menor. Ou então podiam comprar mais terras do que precisavam para depois revendê-las e transformar a renda em capital, como em São Caetano fizeram a Fábrica Pamplona, o Banco União e o grupo Votorantin. (MARTINS, 1992)

O processo de transferência da terra dos colonos para esses agentes do mercado imobiliário no núcleo de São Caetano não ocorreu exclusivamente, por conta do avanço da indústria e da especulação sobre as áreas não urbanizadas, mas foi resultado também da fragmentação das terras agrícolas. Muitas das famílias dos colonos, que tinham numerosos filhos, tiveram seus lotes repartidos entre descendentes a cada nova geração, até o ponto em que as terras não eram mais suficientes para serem comercialmente produtivas. Isto, atrelado à pressão do mercado imobiliário para a aquisição dos lotes e à segurança financeira trazida pelo trabalho assalariado nas indústrias recém implantadas, resultou na extinção do núcleo agrícola na virada entre os séculos XIX e XX, e na conversão dos colonos remanescentes em operários e pequenos empreendedores.

Esse “fracasso” do núcleo colonial representa uma realidade muito distinta da imagem triunfalista do colono italiano, que será construída anos mais tarde pela elite local e que está presente até hoje no imaginário dos moradores de São Caetano. Segundo Martins (1992) e Carvalho (2022), nessa narrativa, os colonos fundadores do primeiro núcleo urbano teriam vencido as adversidades e prosperado na região, abrindo caminho para a sua futura prosperidade industrial, como se lê na placa comemorativa na fachada da primeira Igreja Matriz da cidade, fixada em 1927, por ocasião do aniversário de 50 anos da colônia:

“Aos destemidos precursores que das itálicas terras a estas regiões aportados com indômita pujança abriram caminho ao hodierno progresso”.

Na realidade, poucos agricultores prosperaram em São Caetano durante a existência da colônia, tendo a maioria conhecido apenas um período de muita restrição e dificuldade. E mesmo aqueles que foram bem-

sucedidos na aventura do núcleo agrícola, foram enfim vencidos pelo avanço da indústria e do mercado imobiliário.

É importante ressaltar também que a chegada da atividade industrial (e com ela, a especulação imobiliária), não foi harmônica na sua coexistência com a atividade agrícola. Ao contrário: há relatos e notícias da época que revelam um ambiente tenso no final do século XIX, com brigas e casos de violência entre os colonos e os trabalhadores das primeiras manufaturas (MARTINS, 1992). É o caso da notícia encontrada no jornal *Correio Paulistano* que faz referência a uma briga, em 1887, entre italianos e funcionários de uma olaria da colônia de São Caetano, que teve como resultado alguns feridos.

Foram postos em liberdade Miguel Joaquim da Costa, Ignácio Luiz dos Santos, Manoel Pinto Fagundes, Ana Ricarda de Siqueira e Benedicta Maria Thereza de Jesus.

Tendo o subdelegado conhecimento de que na “noute” de 18 houve grande desordem entre diversos empregados em uma olaria da colônia de São Caetano e moradores desta, e que na luta saíram feridas diversas pessoas, para “alli” se “dirigio” acompanhado do médico da polícia e procedeu a exame nos feridos Martorelli Antonio, Luiz Frazali, Pascoal Luigi e Marieta Rossi, sendo os ferimentos considerados leves.

Foi aberto o componente “inquerito”.⁷

Os imigrantes, majoritariamente oriundos de regiões rurais na Itália, talvez almejassem a reprodução do seu estilo de vida camponês na colônia, tendo optado pela imigração como forma de fugirem dos impactos dos conflitos da unificação italiana, nas regiões rurais, para se tornarem proprietários de terra em outro país. Mas a implantação da colônia acabou cruzando com as outras formas de ocupação produzidas pela especulação imobiliária em São Paulo. Nesse sentido, é possível deduzir que a indústria representou para muitos colonos uma ameaça ao seu estilo de vida, à sua autonomia e a até à sua cultura, estimulando esses conflitos.

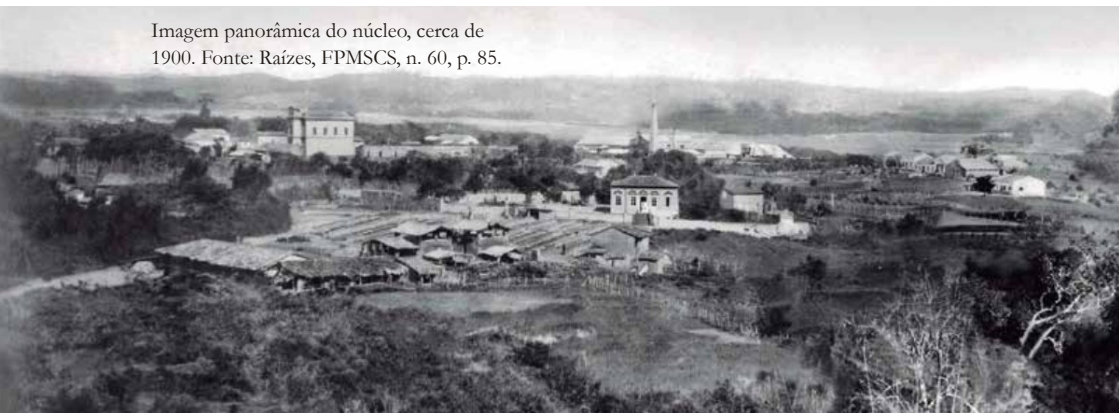
7. Martins encontra referência à mesma notícia também no jornal “*A Província de São Paulo*” (MARTINS, 1992).

Alguns dos primeiros funcionários absorvidos pelas fábricas à vapor eram parte da população caipira que habitava a região desde antes da instalação do núcleo colonial, descendentes de escravizados de origem negra e indígena, que viviam de serviços prestados aos proprietários de terras da região ou da atividade extrativista (de barro e lenha para carvoarias e olarias). Dessa forma, é possível inferir que os conflitos iniciais entre colonos e operários também tiveram um componente racial, uma vez que a presença da indústria não implicava apenas na convivência dos colonos com outro tipo de atividade econômica, mas também de italianos com brasileiros de outras etnias. Não parece coincidência, portanto, que o conflito relatado pela nota do Correio Paulistano seja composto por um lado de personagens com nomes portugueses e de outro por indivíduos com nomes italianos.

Essas disputas mantiveram sua intensidade enquanto a atividade rural resistiu ao avanço da indústria e do mercado imobiliário, e só se amenizariam com a expansão da atividade operária e a sua conversão em principal atividade econômica da região, atraindo também para as fábricas e manufaturas os trabalhadores de origem italiana.

No entanto, a contraposição entre o mundo agrário da colônia e o mundo industrial dos operários se fará presente no momento de construção da própria identidade sancaetanense. A partir do século XX, a indústria se consolida como principal atividade econômica em São Caetano, o que lhe conferiu um poder local muito grande, bem como aos agentes do mercado imobiliário atuantes na região. Esse poder esteve na raiz da criação de uma elite regional que foi responsável pela construção da ideia de cidade e de uma identidade para a comunidade local.

Imagem panorâmica do núcleo, cerca de 1900. Fonte: Raízes, FPMSCS, n. 60, p. 85.



2. A Indústria e a Identidade se Estabelecem: a construção da memória como ferramenta de segregação

O desmantelamento progressivo do núcleo rural promoveu a saída de diversos agricultores da região e algumas das famílias de colonos acabaram se voltando para a atividade operária como forma de sobrevivência. A partir de então, apesar das atividades agrícola e extrativista continuarem presentes em áreas para além do centro do núcleo colonial,¹ pode-se observar que a principal atividade econômica da região se tornou o trabalho fabril.

Entre os censos de 1886 e 1920, percebe-se um incremento populacional, com a atração de novos trabalhadores vindos de outras regiões.² Os números mostram um crescimento de quase sete vezes: a população passou de 3.667 habitantes para 25.215, número ainda modesto se comparado com a capital, mas expressivo em relação a uma localidade com características ainda predominantemente rurais.³ Esses números se explicam pela atração que as manufaturas locais começam a exercer sobre os trabalhadores da metrópole – mas nem todos passaram a viver em São Caetano.

A linha férrea, elemento que motivou a instalação do núcleo colonial agrícola na região, também funcionou como facilitador da industrialização, tanto por transportar matéria prima e os produtos industrializados, como por transportar a mão de obra experiente em atividade fabril que vinha de São Paulo, gerando alguns dos primeiros movimentos pendulares metropolitanos de ordem inversa, tendo o subúrbio como local de trabalho

1. À exemplo do sítio de D. Deolinda que ocupava a região do bairro Ressaca, atual bairro Barcelona (MARTINS, 1992).

2. O censo trata da freguesia, e posterior município, de São Bernardo, que englobava o distrito de São Caetano.

3. Números organizados e tabelados na tese “A estruturação da Grande São Paulo – Estudo de geografia urbana” (LANGENBUCH, 1968) e disponíveis no site da Prefeitura de São Bernardo. Disponível em: <<https://www.saobernardo.sp.gov.br/web/cultura/historia-da-cidade>>. Acesso em: 18 abr. 2022.

e a capital como local de residência.⁴ Em 1901, a Fábrica de Formicidas Paulista, inaugurada em 1889, e a Fábrica de Sabão e Graxa Pamplona, de 1896, já empregavam 300 operários, do sexo masculino, residentes em uma povoação que continha apenas cerca de 120 casas (MARTINS, 1992).

A implementação de políticas sanitaristas na cidade de São Paulo, na virada do século XIX para o século XX, também foi um fator que estimulou o deslocamento das fábricas e dos trabalhadores para os subúrbios. Cada vez mais, trabalhadores começariam a buscar a aquisição de terras nas proximidades dos locais de trabalho, pois a terra mais barata no subúrbio, atrelada à oferta de emprego, iria possibilitar a compra de casa própria ainda no início do século XX.⁵

Esse foi o caso do ferroviário Accacio Novaes, exemplo de um tipo de migração que se iniciou com o movimento pendular de trabalho. Em 1913, Accacio conseguiu um emprego como telégrafo da São Paulo Railway Company, na parada de São Caetano, o que o fazia se deslocar todos os dias entre a Estação da Luz, mais próxima de sua residência, e o seu local de trabalho. No entanto, em 1917, após se casar com uma moradora local, Amábile Previatto, que pertencia a uma família italiana do núcleo, ele se fixou em São Caetano, abandonando o aluguel no centro de São Paulo para adquirir sua primeira residência no subúrbio. Posteriormente, após abandonar o seu emprego como telégrafo, Accacio passaria a trabalhar na fábrica da família Matarazzo, recém instalada ali.⁶

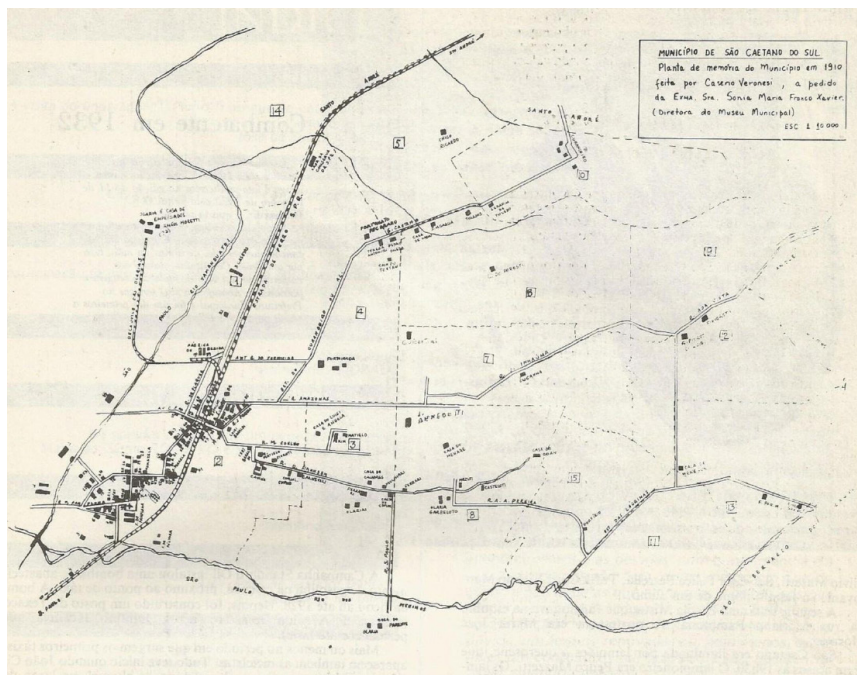
A migração de trabalhadores vindos de outras regiões, sejam eles nativos ou estrangeiros, foi responsável por dar uma feição operária à população da região do ABC em geral, e de São Caetano em particular

4. São Caetano, Santo André, Pilar (atual Mauá), Ribeirão Pires e Paranapiacaba têm origem nas ocupações urbanas que surgiram no entorno de estações e paradas de trem, constituindo no final do século o que Juergen Langenbuch (1968) classificou como “Povoados-Estação”.

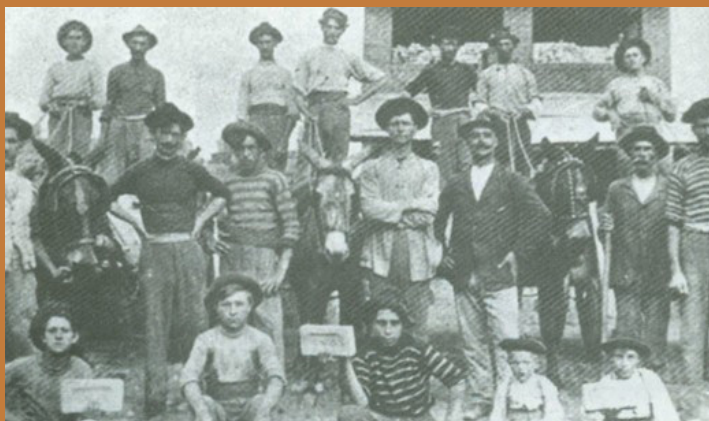
5. Algo que na cidade de São Paulo não parecia ser possível. O livro de Nabil Bonduki, *Origens da habitação social no Brasil*, mostra como em São Paulo a habitação de aluguel era a alternativa quase que única (fosse de casas, quartos de pensões ou cômodos em cortiços) em toda a primeira metade do século XX: “Em São Paulo, em 1920, apenas 19% dos prédios eram habitados pelos seus proprietários, predominando largamente o aluguel como forma básica de acesso à moradia.” (BONDUKI, 2017)

6. Memórias correspondentes a história do meu bisavô, Accacio Novaes, transmitidas entre gerações na família e registradas em textos deixados por seu filho, Manoel Claudio Novaes.

nesses anos. Uma população dividida em grupos étnicos que frequentemente entravam em conflito e que sempre pareceu ter dificuldade em reconhecer uma identidade regional comum, ainda que o trabalho operário e a conquista da residência própria no subúrbio fossem elementos unificadores da comunidade local.



Plantas das zonas central e urbana do Distrito de São Caetano, 1910. Fonte: Secretaria de Obras e Planejamento da Prefeitura de São Caetano do Sul in FABRETTI, 2013.



De cima para baixo: Funcionários da olaria da família Garbelotto, 1910. Fonte: Raízes, FPMSCS, n. 01, p. 07. Funcionários da Fábrica de Sabão e Graxa Pamplona. Raízes, FPMSCS, n. 62, p. 41. Operários da fábrica de colchões F. Cigolo & Cia. Ltda, 1922. Raízes, FPMSCS, n. 62, p. 42.

No início do século XX, São Caetano já possuía uma área urbana que correspondia a área das construções da antiga fazenda beneditina. Esse núcleo era formado por duas vias, ainda sem calçamento: uma que partia da Igreja Matriz até acabar em um lote rural (igreja essa que era a antiga capela dos monges de São Bento reformada pelos colonos); e outra, perpendicular a primeira, que partia da estação de trem indo até a várzea do Rio Tamanduateí. Esses dois caminhos, Rua 28 de Julho e Rua Rio Branco, eram ladeados por casas, e na área livre em frente à Igreja era realizado o comércio, constituindo uma área de troca de produtos existente desde a colônia agrícola. Ali também se encontrava o único ponto comercial da localidade, o armazém de secos e molhados de Maximiliano Lorenzini. As primeiras indústrias, nesse período, ocupavam áreas adjacentes a esse núcleo, sem nunca distar muito da estação e dos rios, uma vez que boa parte dessas fábricas eram movidas a vapor ou por moinhos fluviais e recebiam insumos através da linha férrea.

O largo era, por assim dizer, o palco principal da vida de São Caetano. Para ali convergiam os trabalhadores das inúmeras indústrias (...) A igreja, por sua vez, particularmente após a criação da Paróquia de São Caetano em 31 de Março de 1924 (sob direção do padre João Pelanda, seguido por Alexandre Grigolli) era um indiscutível polo de aglutinação do povo. Todos os domingos, nas festas religiosas e quermesses organizadas pelos grupos religiosos, o local tornava-se intensamente movimentado. (Antônio Garbelotto apud FABRETTI, 2013)

Pode-se observar que a Igreja e a ferrovia, elementos preexistentes à ocupação do núcleo agrícola, funcionaram como polos atrativos da urbanização, definindo os limites do “Povoado-Estação” de São Caetano. No entanto, a consolidação desta urbanização e criação de uma infraestrutura urbana ocorreu com a instalação das indústrias e das companhias de melhoramentos. A energia elétrica chega a São Caetano em 1917, a partir da instalação das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, que trouxeram a extensão das linhas de transmissão elétrica até o seu complexo fabril. A partir de então, os lâmpios à querosene que faziam a iluminação pública e das casas da cidade foram sendo substituídos, progressivamente, pela



Acima: Primeira Igreja Matriz durante as festividades do dia de Santo Antônio, 1908. Fonte: Raízes, FPMSCS, n. 64, p. 112. Abaixo: Antiga Matriz atualmente, 2022. Fonte: Ana Paula Borges.



iluminação elétrica (MEDICI, 1993).

Este primeiro agrupamento urbano ficou conhecido como Bairro da Ponte, devido à existência de uma ponte sobre o Rio Tamanduateí, que ligava o povoado à estrada para São Paulo, caminho que atualmente corresponde à rua Ibitirama na Vila Prudente.

Paralelamente, os lotes rurais da antiga colônia agrícola que ficavam fora desse aglomerado de construções também começaram a ser parcelados e comercializados. Muitos deles já haviam sido vendidos há anos pelos agricultores para grupos comerciais e se encontravam ociosos, ou contavam com ocupações industriais temporárias. O fluxo de trabalhadores operários e o crescimento da demanda por terrenos trouxe a valorização aguardada desses lotes e deu início a diversos loteamentos no distrito (FABRETTI, 2013).

Os primeiros parcelamentos do século XX, em São Caetano, ocorreram em áreas contínuas ao aglomerado urbano, muitos do lado sul da ferrovia, e foram executados por antigos colonos nos seus respectivos lotes, que abriram arruamentos por conta própria e depois os doaram à prefeitura de São Bernardo. Esse é o caso da família Baraldi:

(...) ao se casar, em 1902, com Ernesto Felix Baraldi, Santina Anna Corraldi Baraldi sugeriu ao marido que deixasse o emprego que mantinha há anos na Fábrica de Formicida e passasse a se dedicar à venda de terrenos a baixo preço, abrindo e fazendo ruas à sua custa para depois doá-las ao Município. Ernesto Baraldi seguiu o conselho. As ruas foram doadas ao então Município de São Bernardo e a construção da igreja Sagrada Família, na década de 30, em terreno doado pelos Baraldi, valorizou ainda mais o pedaço, a exemplo do que já fizera no século passado a estação ferroviária. Os Baraldi, na verdade, não criaram nenhum loteamento convencional. Preferiram construir pequenas casas de aluguel, posteriormente vendidas, reformadas e/ou demolidas pelos compradores. Além de vender terrenos aos interessados. (João Netto Caldeira apud MÉDICE, 1993).

Segundo Medice, a formação dos bairros na margem sul da ferrovia ocorre pelo loteamento da Vila Santo Antônio pelos Cavana, seguindo um

processo iniciado pelos Baraldi. Era comum nesses casos que os proprietários dos loteamentos também contribuíssem para a criação de equipamentos de infraestrutura urbana através da doação de lotes e materiais de construção para a comunidade. Félix Baraldi foi o doador do terreno onde foi construída a ampliação da Estação São Caetano, pois até então, esta não passava de uma parada. Ele também doou o terreno onde seria construída a nova Igreja Matriz. A família Braidó, por sua vez, cedeu o local onde foi construída a primeira escola da comunidade (MEDICI, 1993).

Todos esses equipamentos foram construídos em mutirão pelos próprios moradores, trabalhadores e artesãos locais, da mesma forma que eram construídas as casas dos operários nos loteamentos recém-abertos. As olarias da cidade (algumas pertencentes aos agentes loteadores) eram responsáveis pelo fornecimento de materiais de construção, e quermesses e bailes eram organizados para a arrecadação de recursos (FABRETTI, 2013).

A partir dos anos 1910, as companhias de melhoramentos assumem o protagonismo do parcelamento do solo no local. A Companhia Fábricas Pamplona, por exemplo, criou a Companhia de Melhoramentos São Caetano para dar uso as terras excedentes que esse grupo adquiriu quando da sua mudança para a localidade. Em 1918, a empresa inaugura, também na margem sul da ferrovia, um loteamento de 103 terrenos que dará origem ao atual bairro Centro, além de adquirir junto à prefeitura o monopólio da construção de redes de água e esgoto no distrito por 30 anos (MEDICI, 1993).

Em 1910, os sócios Francisco Canger e Samuel Heisfuter dão origem a Vila Monte Alegre, um loteamento mais popular, desconectado da parte já urbanizada, cujo acesso se dava pela antiga estrada que levava à Santo André, partindo da estação em sentido sul. Nos anos 1920, esse loteamento foi subdividido pelos descendentes dos proprietários, originando outros loteamentos menores (MEDICI, 1993).

Em 1921, numa área próxima à Vila Monte Alegre, a Empresa Imobiliária de São Bernardo, dos irmãos Pujol, construiria um tipo diferente de loteamento, inspirado no modelo de cidade-jardim, seguindo preceitos

propostos anos antes por Ebenezer Howard, com vias que seguiam a topografia local. As unidades eram entregues com energia elétrica, sistema de água e esgoto, e foi trazido pela empresa, um sistema próprio de *tramways* ou bondes automóveis.⁷ Esse foi o primeiro modelo de transporte público existente em São Caetano após a chegada da ferrovia, e perduraria por alguns anos até a popularização dos ônibus (FABRETTI, 2013).

Pode-se observar, portanto, que um novo eixo de expansão urbana começou a se instituir a partir deste ponto. Se até então a expansão da cidade seguia a lógica da expansão metropolitana, ao longo das linhas férreas e ao redor de suas estações no vale do Rio Tamanduateí, quando a região entre a várzea do rio e a estação não comportou mais se expandir, a cidade começou a rumar sentido sul, seguindo as antigas estradas coloniais, como o Caminho do Mar (em direção a Santos) e a Estrada das Lágrimas (que conectava São Paulo à freguesia de São Bernardo).



Inauguração da Estação de Bonde (Tramway) de São Caetano, 1923. Fonte: Raízes, FPMSCS, n. 60, página 97.

7. Vale notar que esse tipo de urbanização também começava a ser implementado na capital, a partir, justamente, da criação da Companhia City, que também abria loteamentos dotados de infraestrutura e inspirados pelo modelo de Howard.



Acima: Casas do Bairro Nova Gerty, Rua Manoel Augusto Ferreirinha, 1929. Fonte: Raízes, FPMSCS, n. 60, página 55. Abaixo: Rua Manoel Augusto Ferreirinha atualmente, 2022, onde existem algumas reminiscências da arquitetura das casas construídas nos primeiros loteamentos. Fonte: Ana Paula Borges.



A partir dos anos 1930, com a lei nº 267 de 1928, instaurada pela prefeitura de São Bernardo, isentando de tributação as fábricas a partir de um determinado porte que se instalassem no município, ocorre uma das primeiras ondas de expansão da indústria local. A Cerâmica São Caetano, fundada em 1924, na década de 1930 já empregava centenas de funcionários em um enorme complexo; as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, inauguram em 1936 o seu núcleo químico, o maior departamento fabril dessa indústria na cidade; e em 1930, a montadora General Motors do Brasil inaugura as suas instalações em São Caetano (FABRETTI, 2013).

Apesar de ainda ser um distrito de São Bernardo, São Caetano contava com pouco auxílio daquela prefeitura, já se organizando de forma parcialmente autônoma (MEDICE, 1993). A indústria local e os loteadores, liderando a organização da força de trabalho da própria comunidade, agiam como fornecedores de infraestrutura. O poder público autorizava a realização dos empreendimentos de melhoria urbana e em troca fazia concessões às fábricas e aos loteadores no município. Portanto, era comum que as companhias de melhoramentos financiassem e/ou cedessem terras à construção de equipamentos públicos e melhorias no distrito, ou que as indústrias oferecessem serviços em seus próprios complexos como escolas, moradias, atendimento médico, ensino profissionalizante, etc (FABRETTI, 2013).

Essa lógica de controle do patrão sobre o operário orientou as relações de trabalho que se estabeleceram nas indústrias desde o início do século, fossem elas suburbanas ou estivessem sediadas na capital. As Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, por exemplo, ofereciam moradia aos trabalhadores através do aluguel de casas na vila operária, ofertavam refeições subsidiadas no restaurante da fábrica, eram proprietárias da escola na qual os filhos dos operários estudavam e do Banco Matarazzo que oferecia empréstimos e realizava os pagamentos dos funcionários (KENDE, 2002). Até o terreno da antiga Matriz pertenceu ao grupo, de modo que renunciar a um emprego, significava para o trabalhador desta companhia, ter todos os aspectos da sua vida profissional e social prejudicados.

A moradia subsidiada também era oferecida como benefício aos

empregados da Cerâmica São Caetano, como relata Marlene Damas:

Tinha a Cerâmica lá e eu tinha uma amiga que o pai dela trabalhava nessa cerâmica. E a Cerâmica, dava casa pra eles “morar” (...) não sei se “pegado” a Cerâmica ou não né... Mas ela contava que eles moravam em casa da Cerâmica e que era muito bom, que eles davam festa pros funcionários... (DAMAS, Marlene. [Entrevista concedida a] Ana Paula Borges, 01 mai. 2022).⁸

O emprego de crianças em algumas etapas da produção fabril e nas olarias evidencia que tais “benefícios” eram na verdade necessários diante dos baixos salários. Como não havia legislação trabalhista e as relações entre patrão e empregados eram particulares, os primeiros tinham força para regular os salários, mantendo-os num patamar mínimo e pagando às crianças um salário irrisório:

Ouvira algumas vezes de alguns garotos que lá na fábrica de botões do Aliberti, aceitavam meninos para “bater-coco”. (...) Deram-nos uma lima gasta e imprestável para o seu fim principal (...) com a qual descascava-se o coco, e uma lata de vinte litros, evidentemente vazia, destinada à coleta dos cocos descascados. Procuramos um lugar junto aos demais meninos, sentamos sobre um pedaço de saco, seguramos um coco com a mão esquerda, firmando-o sobre um pedaço de madeira e pusemo-nos a descascá-lo. Ah! Não era fácil! Uma vez porque não mantínhamos firmemente o coco e a maioria das vezes porque a casca resistia. Continuamos sob a orientação dos mais antigos e mais experientes. (...) A produção mínima diária era de um quilo. O nosso salário era de um tostão (cem réis) por quilo de coco descascado. Ao fim do dia íamos à pesagem e recebíamos por quilo uma ficha colorida e no sábado descontávamos as fichas por dinheiro. (NOVAES, 1991)

José de Souza Martins trata dos conflitos decorrentes das tensões entre patrões e operários, relatando casos como o de Paolo Micheli, que segundo o autor, comete um duplo assassinato, em 1928, motivado pela

8. Marlene Damas, 76, mudou-se para São Caetano do Sul no início dos anos 1980 com sua família. Ela e o marido moravam em um imóvel alugado na Mooca e optaram por comprar uma casa no ABC, nesta época. Técnica de enfermagem aposentada, Marlene mora na cidade até os dias atuais e me concedeu uma entrevista que fez parte da elaboração desta pesquisa.

revolta contra seu patrão.⁹ Com isso, os antigos conflitos entre agricultores de origem italiana (moradores do núcleo colonial), e trabalhadores de origem caipira que se empregaram nas primeiras manufaturas, parecem se repor, na primeira metade do século XX, na forma da segregação social e espacial entre proprietários e trabalhadores da indústria.



Saída de trabalhadores das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo. Fonte: Raízes, FPMSCS, n. 01, p. 07.

O surgimento dessa segregação se explicita na evolução do quadro de associados de duas instituições importantes para a história local: A Società de Mutuo Socorso Príncipe di Nápoli e a Sociedade União Operária. Ambas as entidades, fundadas respectivamente em 1892 e 1907, surgiram como alternativas de previdência para os primeiros agricultores e operários (MARTINS, 1992; MEDICI, 1993).¹⁰ Esse era um serviço de extrema

9. Segundo Martins (1992), após uma emboscada frustrada contra seu patrão, o industrial Guido Aliberti, Michelini se vingou assassinando um casal protegido de Aliberti, Alessandra e Emilio Castelli. O assassino encontrava-se transtornado devido a retenção de parte de seus salários pelos seus patrões, o que o mantinha ligado à fábrica, a contragosto.

10. Organizações beneficentes que, mediante o pagamento de uma mensalidade, garantiam ao associado o repasse de diárias para a assistência médica e para a manutenção das despesas domésticas em caso de doença, ou então custeavam as despesas funerárias em caso de falecimento do sócio (MARTINS, 1992; MEDICE, 1993).

importância em um universo onde não existiam direitos trabalhistas, no qual operários e agricultores viviam dos recursos adquiridos diariamente através do seu trabalho.

Inicialmente, essas instituições atraíam operários e agricultores com poucos recursos. No entanto, com o avanço do século XX, alguns dos associados acumularam capital e ascenderam socialmente. Nos anos 1920, muitos membros das duas sociedades eram, eles próprios, proprietários de fábricas e loteamentos (FABRETTI, 2013). Assim, essas instituições foram progressivamente abandonando seu caráter beneficente e se convertendo em ferramentas de afirmação de poder da elite local.

A Príncipe di Nápoli, que impedia a entrada de integrantes não italianos desde sua origem, e a União Operária, que apesar do seu caráter universalista acabou sendo preenchida também por integrantes italianos, tornaram-se pouco acessíveis para os novos operários recém-chegados ao subúrbio, e contribuíram para a exaltação das origens italianas-camponesas dos seus integrantes (FABRETTI, 2013; MEDICI, 1993).

Mesmo que vários dos industriais que compunham esse grupo tivessem trabalhado como operários, não era essa a história ali destacada. Buscavam nas origens camponesas e na imagem de pequeno proprietário de terra distanciar-se da realidade dos trabalhadores assalariados.¹¹ Com isso, foi sendo construída uma imagem heroica e triunfalista dos primeiros colonos, exaltando a vitória dos imigrantes camponeses sobre as adversidades da terra, a despeito da realidade de miséria e dificuldades, como Martins (1992) mostra em sua pesquisa. Essa elite, majoritariamente descendente de antigos colonos ou dos primeiros industriais, quase sempre de origem italiana, vai adquirindo na cidade o poder de constituir as memórias oficiais.

Assim, o desejo da elite de maior poder e autonomia local se soma à insatisfação popular com a negligência do poder público, fazendo surgir um sentimento de pertencimento que fará com que a cidade tente se separar de São Bernardo em duas ocasiões: em 1928 e em 1930, ambas fracassadas.

11. Ou seja, afastavam-se das atividades subalternas que eram desempenhadas por italianos e não italianos, buscando afirmar a ideia da propriedade.



Instalações da General Motors
em São Caetano, na década de 30.
Fonte: Acervo FPMSCS.

A historiadora Cristina Toledo de Carvalho (2022) mostra que o cinquentenário da fundação do núcleo de colonos, é um evento chave, a partir do qual essa elite institui a formação de uma memória oficial que conecta as origens de São Caetano à imagem heroica dos primeiros imigrantes, consolidando a data de fundação da Colônia como a data de nascimento da cidade, ainda que em 1877 a localidade fizesse parte de São Bernardo e não deixasse entrever qualquer pista de urbanidade.

Em 1927, por ocasião das comemorações do cinquentenário da inauguração de tal núcleo, a nascente elite industrial da localidade, então um distrito de São Bernardo, produzira, por meio dos eventos promovidos, uma memória triunfalista a respeito do grupo pioneiro de italianos daquele núcleo (...). Contemplada em uma narrativa heroica centrada na aclamação dos feitos e esforços dos primeiros imigrantes, a referida memória sinaliza para questões que perscrutam os processos de constituição memorialística como um todo, alinhavados, dialeticamente, por intencionalidades e interesses de grupos sociais que revelam e ocultam, enaltecem e excluem determinados agentes históricos dos enunciados evocativos do passado de uma cidade, região ou país. (CARVALHO, 2022).

Para José de Souza Martins (1992), a escolha do colono italiano como base para a construção de uma identidade sancetanense passava também pela influência do fascismo, que começava a surgir na Itália, e pela promoção do ufanismo italiano, que chegava a quilômetros de distância, tendo ecos na comunidade de São Caetano.

No entanto, acredito que também se engendra, nesta construção da memória local, a consolidação de uma hierarquia que separa os trabalhadores assalariados dos proprietários, reservando aos últimos a ideia de pertencimento ao povoado e o direito de se identificarem como moradores mais “legítimos”.

Nessa construção identitária, os nomes dos primeiros colonos gravados na placa comemorativa do cinquentenário da fundação da cidade (na Matriz) incluíam apenas as famílias que contribuíram financeiramente para a homenagem (MARTINS, 1992). Os colonos que não prosperaram ou não deixaram descendentes na localidade, bem como os antigos moradores,

descendentes dos sitiantes caipiras, de origem nativa, foram deixados à margem da memória.

Segundo Cristina Carvalho, essa memória e essa identidade foram construídas desde os anos 1920, em São Caetano, e teriam um papel fundamental no movimento pela sua autonomia, pois reforçavam, então, a singularidade do local a partir de uma história de “triunfo” e serviam de argumento contra a suposta incapacidade de autogestão do distrito. A imprensa, na forma de veículos como o Jornal de São Caetano, seria uma peça fundamental na propagação dessa imagem heroica e mesmo após a autonomia continuou a repercutir esses ideais (CARVALHO, 2022).

Nos anos 1940, quando a sede do município já havia mudado para Santo André e o próprio distrito de São Bernardo conquistou sua autonomia, tornando-se novamente cidade, abriu-se o precedente necessário para a reivindicação de São Caetano. É como parte desse movimento que, em 1948, seria aprovada na Câmara do Estado de São Paulo a realização do plebiscito que, no mesmo ano, tornou São Caetano uma cidade independente, ganhando ainda o sufixo “do sul” para diferenciá-la de um município homônimo no Nordeste.

Esse é o momento de consolidação da força das elites locais, que antecede a chegada das grandes indústrias multinacionais no ABC. Os conflitos então presentes na história da cidade, assumiam a forma da segregação social, e se neste momento ela ainda carrega aspectos da “italianidade” e das origens vinculadas ao núcleo agrícola, com o crescimento populacional ao longo do século XX, ela passará a se concentrar cada vez mais na diferença entre paulistas (brancos e de origem europeia) e migrantes (vindos de outras partes do Brasil e com diversas etnias).

PLANTA DA CIDADE DE SÃO CAETANO

REORGANIZADA NA ADMINISTRAÇÃO DO PREFEITO DR. CARVALHO SOBRINHO
ESCALA 1:10.000 PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO ANDRÉ

RECEBIDO EM 17/5/1948

(COPIA)



Planta do Município de São
Caetano do Sul, 1949. Fonte:
Arquivo Público do Estado de
São Paulo.

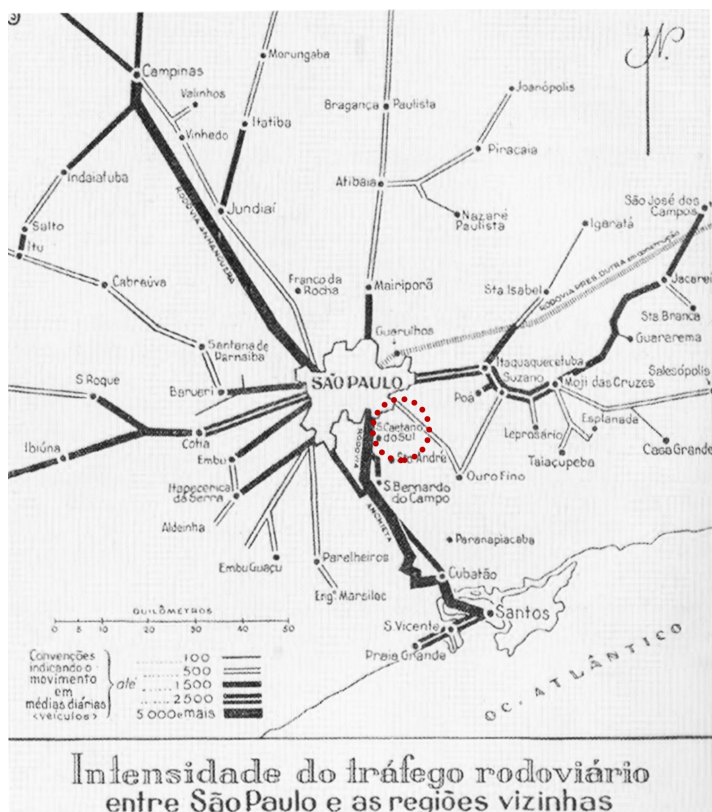
3. São Caetano do Sul no ABC e na Metrópole: a organização urbana após a autonomia

São Caetano ganhou o status de município em 1948, quando o então distrito se emancipou de Santo André, convertendo-se na cidade de São Caetano do Sul, a partir de limites administrativos demarcados, principalmente, pela área urbanizada e ocupada do distrito. A região se consolidava, então, como um polo de atração para indústrias multinacionais da metrópole paulistana, ficando conhecida como ABC pelas letras dos três primeiros municípios: Santo André, São Bernardo e São Caetano. No entanto, a região incluía ainda Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra.¹

A partir de então, a região recebeu um volume grande de investimentos, voltados sobretudo para o setor da indústria automobilística e da indústria química, o que a consagrou como o principal bolsão industrial de São Paulo, que por sua vez, consolidava-se nesse período como o estado mais industrializado do Brasil. Essa expansão industrial sobre uma região que já começara a se industrializar desde a virada do século foi facilitada também pela construção da rodovia Anchieta em 1947 e pela transposição do modal ferroviário para o rodoviário, como principal vetor de transporte das mercadorias industriais (LANGENBUCH, 1968).

A rodovia, que ligava a cidade de São Paulo ao porto de Santos, passa a realizar o escoamento da produção das fábricas da metrópole destinada à exportação, ampliando uma rede de transporte antes feito exclusivamente pela linha férrea Santos-Jundiaí. Na sequência, foram construídas as rodovias interestaduais Presidente Dutra (1951), Régis Bittencourt (1961) e Fernão Dias (1959), que ligavam São Paulo, respectivamente, às capitais Rio de Janeiro, Curitiba e Belo Horizonte, e faziam parte do circuito de conexão da metrópole com as regiões nordeste e sul.

1. Tais cidades se desmembrariam de Santo André respectivamente nos anos de 1945, 1948, 1954, 1954, 1959 e 1964 (FABRETTI, 2013).



Mapa de intensidade do tráfego rodoviário entre São Paulo e as regiões vizinhas.

Fonte: Baseado em original do Departamento de Estradas e Rodagens.

Embora construída fora dos limites administrativos de São Caetano, a Anchieta, que passa a poucos quilômetros da cidade (600 metros no ponto mais próximo dos seus limites), provocou um impacto significativo na logística da produção, que passou a ser muito maior que a já conhecida e empregada pelas fábricas locais na primeira metade do século. Como poucas áreas restaram livres para expansão urbana, isso resultou em um imediato encarecimento das terras no município, precisamente no momento em que a região estava prestes a experimentar uma onda de adensamento populacional e industrial (FABRETTI, 2013).

A expansão industrial, somada às novas ligações rodoviárias com os demais estados brasileiros, possibilitava a atração de um grande número de migrantes, trabalhadores para as novas indústrias, promovendo um adensamento populacional recorde na região: a população do ABC saltou de 89.874 habitantes em 1940 para 988.677 em 1970.²

No entanto, diferentemente das demais cidades do ABC, a pouca disponibilidade de áreas não urbanizadas e a proximidade com a capital, fizeram com que São Caetano do Sul assumisse um caminho diverso ao padrão de desenvolvimento dos municípios vizinhos, a começar pelo tipo de industrialização observado ali na segunda metade do século XX.

As três maiores indústrias da cidade tinham se estabelecido no local ainda na primeira metade do século.³ Ao longo das décadas de 1950 e 1960, a cidade não recebeu nenhuma montadora automobilística, polo químico, ou qualquer outra indústria de grande porte para incrementar esse parque industrial. A baixa oferta de terras e o seu encarecimento foram os fatores que coibiram a instalação de novos complexos fabris na cidade, como ainda ocorria em São Bernardo e Santo André no mesmo período, bem como a revogação do decreto-lei municipal, nº2 (1939) de Santo André, que trazia incentivos fiscais para atividade industrial.⁴ (MEDICI, 1993)

Isso, no entanto, não impediu que a industrialização se expandisse, passando São Caetano a atrair inúmeras fábricas menores que faziam parte de uma complexa cadeia de suprimentos das grandes indústrias, que operavam no ABC nesse momento. As metalúrgicas ZF e Brasinca, fundadas respectivamente em 1949 e 1959, são exemplos desse processo, pois produziam em São Caetano peças para a produção do Opala, primeiro carro da Chevrolet projetado e totalmente produzido no Brasil, pela General Motors (TREBILCOK, 1992). O incremento industrial gerou, portanto, um incremento populacional, que tinha que ser absorvido em uma área já quase

2. Dados do IBGE.

3. O complexo químico das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, fundado em 1917, a Cerâmica São Caetano, criada em 1924 e a montadora General Motors do Brasil, instalada em 1930.

4. O decreto foi revogado pela gestão do primeiro prefeito de São Caetano do Sul, Ângelo Raphael Pellegrino, em 1949 (MEDICE, 1993).

inteiramente urbanizada, pressionando a valorização dos terrenos e das construções existentes.

Assim, nas décadas seguintes, enquanto em São Bernardo e em Santo André, a chegada das multinacionais e dos seus novos operários induzia um processo de expansão urbana em direção à represa Billings (TOURINHO E YAMAUCHI, 2020), em São Caetano, passa a ocorrer cada vez mais um processo distinto: o encortiçamento de certas áreas. Com o encarecimento das moradias existentes, resultado dessa demanda em crescimento sem possibilidade de ampliação da oferta, além do encortiçamento, passou a ocorrer, também, o deslocamento dos trabalhadores de baixa renda para fora do município.

É nesse contexto que os operários recém chegados, ou aqueles que já não podiam pagar aluguéis em São Caetano, passam a ocupar cada vez mais as áreas não urbanizadas do ABC e da região metropolitana (FABRETTI, 2013), onde ainda havia pouca ou nenhuma ocupação, incrementando as populações de cidades como Mauá e Diadema, na busca por terrenos mais baratos, longe dos centros urbanos consolidados (NUNES, 2019).

Ao mesmo tempo, nota-se que muitas famílias operárias que adquiriram ou construíram seus imóveis ao longo dos anos 1920 e 1930, estavam naqueles anos se convertendo em famílias de classe média. As novas gerações não mais se dedicavam ao trabalho operário (e mesmo rural em alguns casos), passando a ocupações que exigiam maior grau de instrução e ofereciam melhor remuneração, ocupando postos de trabalho ligados ao comércio e aos serviços. Também setores médios da própria capital viram em São Caetano um local de moradia possível, financeiramente mais acessível e distante dos problemas sociais da cidade grande, oferecendo a tranquilidade do interior, o acesso fácil à capital e um padrão de moradia (para a classe média) que era mais caro em São Paulo. Tanto no caso das famílias residentes há gerações, quanto no caso dos moradores de renda média recém chegados, essa população dos bairros residenciais passou a exercer suas funções também em São Paulo, que concentrava os serviços mais bem remunerados na metrópole (FABRETTI, 2013).

Dessa forma São Caetano começou a se configurar como uma

cidade dividida entre realidades distintas: a realidade do trabalho operário, presente nas áreas industriais e nos cortiços, e a realidade da habitação de classe média, presente nos bairros residenciais planejados, com suas áreas de trabalho localizadas na capital e na própria localidade, nas ocupações de melhor remuneração.



Linha de montagem da General Motors do Brasil, em São Caetano do Sul, imagem sem data. Fonte: Raízes, FPMSCS, n. 02, p. 34.

Essa divisão foi sendo cada vez mais enfatizada através dos mecanismos legislativos municipais, que com o intuito de controlar os impactos socioambientais da industrialização, promoveram a segregação e a hierarquização de diferentes áreas e grupos sociais dentro da cidade. Na lei municipal ordinária 485, de 1954, que dispõe sobre o primeiro zoneamento de São Caetano, pode-se encontrar a demarcação de 3 zonas principais: Zona Residencial, Zona Comercial e Industrial, e Zona Rural (MEDICI, 1993).

O documento estabelece uma ordem de importância entre as zonas que vai da primeira à última, como apresentadas, sendo a primeira a mais importante. Esta hierarquização regulava o tipo de uso e ocupação do solo, na qual cada zona era destinada ao uso homônimo, mas as zonas de menor importância absorviam também os usos das zonas de maior importância. Desse modo, a Zona Residencial se dedicava exclusivamente ao uso habitacional, ao passo que na Zona Rural era permitido qualquer tipo de ocupação.⁵

Na zona residencial ficava estabelecido que apenas a ocupação habitacional era permitida, salvo a exceção da Sub-Zona Residencial Principal, onde era permitido a criação de pequenos comércios de bairro (com o máximo de 2 pavimentos). Todas as construções dessa zona ficavam sobre a regulação do código de obras e de diretrizes correspondentes ao tamanho mínimo de lote e recuos.⁶

Na Zona Comercial e Industrial era permitido o uso industrial, comercial e habitacional, sendo que no último caso não havia a necessidade do cumprimento das mesmas diretrizes previstas na Zona Residencial.⁷

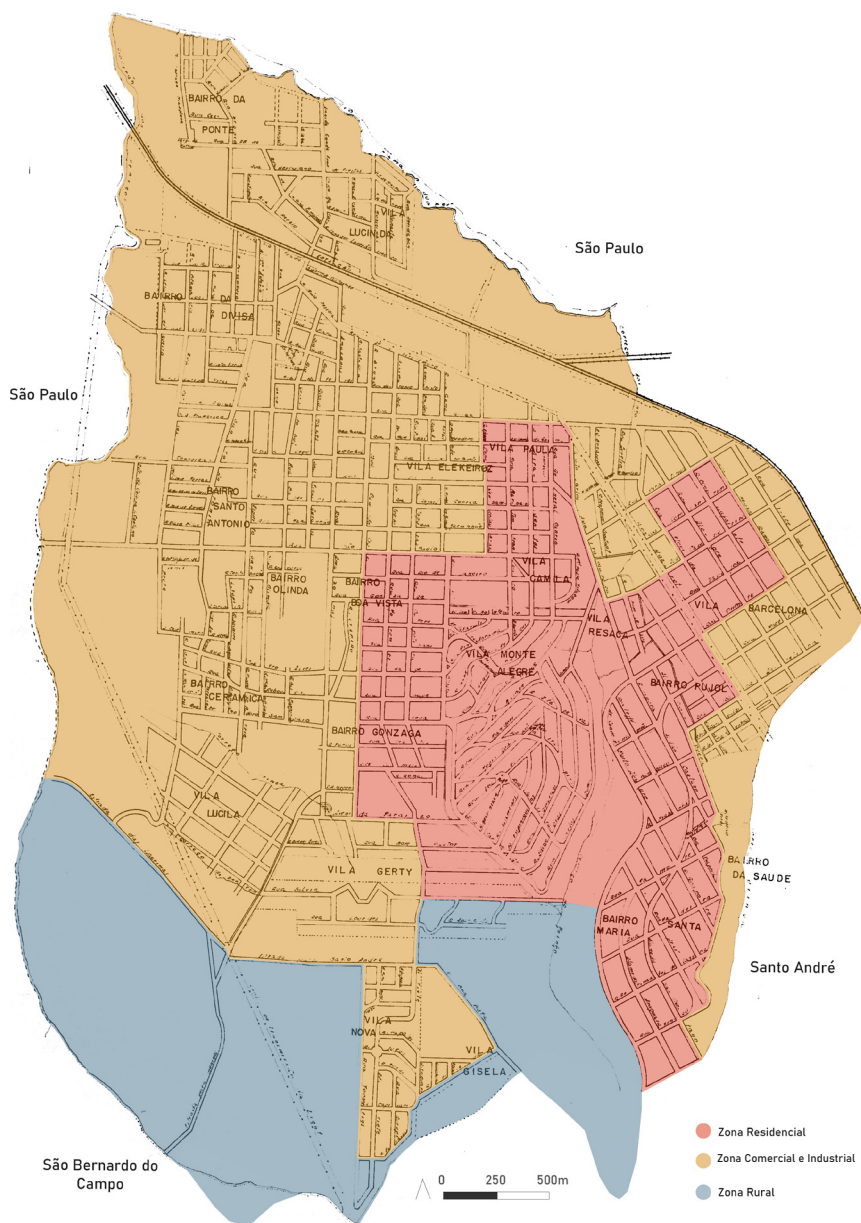
Quanto à Zona Rural, esta correspondia às áreas não urbanizadas que ainda existiam no extremo sul da cidade no início da década de 1950. Neste período, esses locais ainda eram ocupados por chácaras onde predominava a agricultura de subsistência, além de olarias e algumas habitações operárias não conectadas a malha urbana (MEDICI, 1993). Segundo o zoneamento, nesta área era permitido qualquer tipo de atividade sem nenhuma diretriz, o que correspondia, também, à criação de um local livre das regras sanitárias e de construção, na área mais afastada do centro da cidade.

5. Dados extraídos da lei municipal ordinária nº 485/1955. Disponível no site: www.administracaoeb.saocaetanodosul.sp.gov.br.

6. Ibid.

7. Ibid.

Zoneamento de São Caetano do Sul - 1954



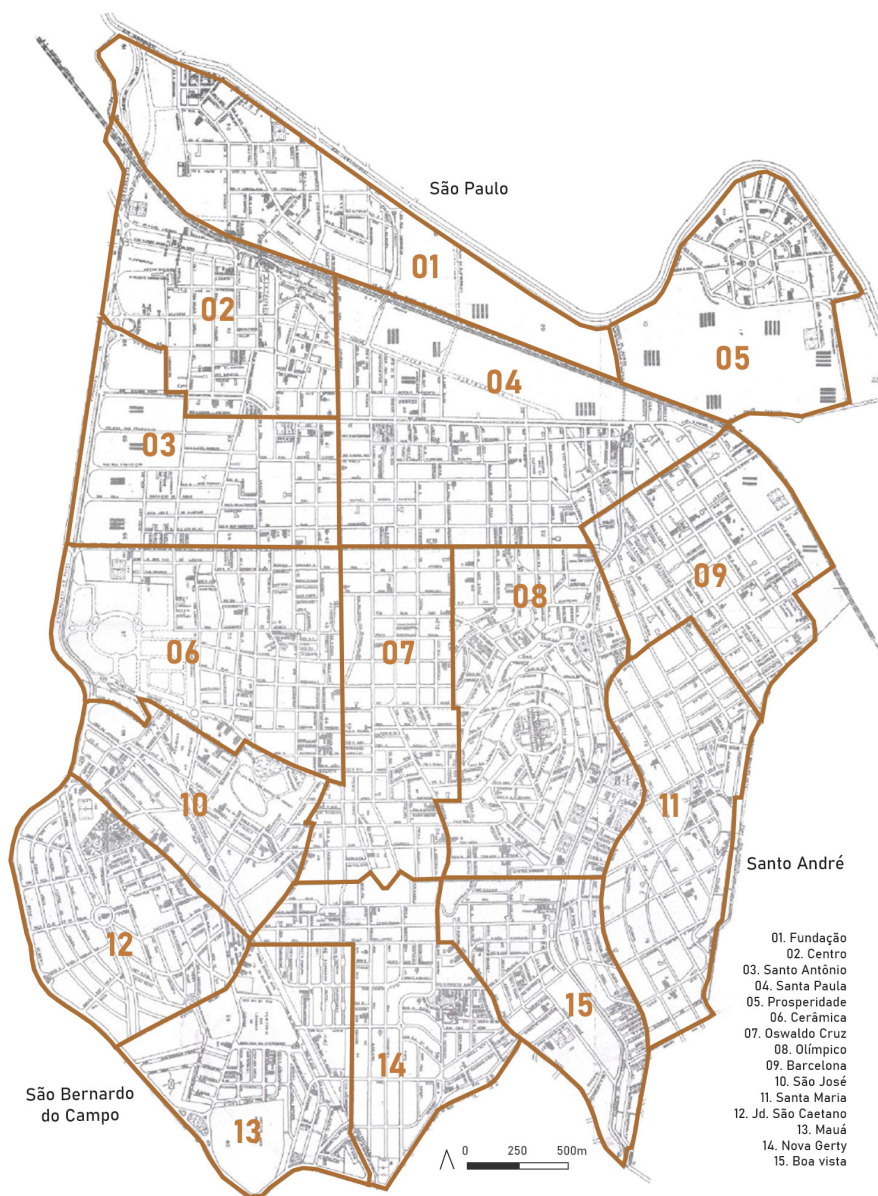
Foram demarcados dentro da zona residencial alguns dos loteamentos habitacionais já construídos na cidade, são eles a Vila Paula (atual bairro Santa Paula), a Vila Barcelona (atual bairro Barcelona), o bairro Santa Maria, o bairro Pujol (atualmente parte do bairro Santa Maria), as vilas Camila e Ressaca (atualmente parte do bairro Barcelona), os bairros Boa Vista e Gonzaga (atual bairro Oswaldo Cruz) e a Vila Monte Alegre (atual bairro Olímpico).⁸ Deste modo, estes bairros ficaram protegidos do avanço da indústria, observando-se neles a valorização dos imóveis e a consolidação do estilo de vida de um subúrbio residencial de classe média.

É importante salientar que os loteamentos mais recentes, pertencentes às áreas residenciais, enfrentaram problemas de formalização da infraestrutura urbana, tanto quanto os loteamentos que ficaram nas outras zonas: algumas áreas como o Bairro Olímpico e Santa Paula dependeram da articulação dos moradores, nos anos 1960, para a realização de obras de esgoto, distribuição de água e pavimentação das ruas (MEDICI, 1993). No entanto, o próprio processo de valorização dessas áreas, ao longo da segunda metade do século XX, através das diretrizes de zoneamento estabelecidas, influenciou no investimento progressivo de recursos nas obras de melhoramentos, destinadas a esses locais.

Paralelamente, a Zona Comercial e Industrial foi demarcada nas áreas centrais da cidade e nas áreas com ocupações industriais preexistentes, onde também existiam antigos loteamentos residenciais, mas onde a presença das fábricas já era intensa. Ao longo dos anos, a valorização dos imóveis também atingiu essa zona, dificultando o aluguel e a compra de moradias formais pelos trabalhadores recém-chegados. No entanto, a presença da indústria, somada à permissão da ocupação habitacional, livre da regulação da Zona Residencial, resultou na multiplicação dos cortiços nessa região (FABRETTI, 2013). No centro da cidade, a Zona Comercial e Industrial correspondia aos bairros Fundação e Centro, e nas zonas descentralizadas, ela englobava os bairros Santo Antônio, Cerâmica e partes dos bairros São José, Nova Gerty, Santa Paula, Barcelona e Santa Maria.

8. Dados obtidos a partir da comparação entre mapa produzido pela Prefeitura de São Caetano em 1949 e mapa do zoneamento de 1954 produzido para este trabalho.

Bairros de São Caetano do Sul



Na Zona Rural, a liberdade para os tipos de ocupação, sem regulação, demonstrava o interesse em estabelecer um vetor de expansão do urbano que permitisse a consolidação total da urbanização da cidade. Bem como, o interesse na definição de uma área afastada do centro para a ocupação das moradias populares. Esta mesma liberdade foi responsável por um momento curto de ocupação mista, em que fábricas, chácaras, loteamentos habitacionais e habitações informais de baixo custo conviveram na zona rural que atualmente compõe os bairros Mauá, Jardim São Caetano, Boa Vista e parte dos bairros Nova Gerty e São José (MEDICI, 1993). No mesmo período em que loteamentos do Banco Nacional de Habitação (BNH) estavam sendo construídos na região, como é o caso do Jardim Tresicore, de 1968, um grande cortiço atraía trabalhadores nas proximidades:

(...) 50 casinhas, emendadas entre si, com sanitários coletivos. (...) O cortiço da Batata-Assada, no Bairro São José, resistiria até o início dos anos 70. (MEDICI, 1993).

Esse processo de segregação urbana, que ocorre através da valorização do solo e das diretrizes de zoneamento, não é particular de São Caetano do Sul, mas faz parte da urbanização de outras cidades brasileiras que passaram por um processo similar de industrialização e adensamento populacional. Como mostra Raquel Rolnik, ao tratar da urbanização de São Paulo na primeira metade do século XX:

A chave da eficácia em demarcar um território social preciso reside evidentemente no preço. Lotes grandes, grandes recuos, nenhuma coabitação é fórmula para quem pode pagar. A lei, ao definir que num determinado espaço pode ocorrer somente um certo padrão, opera o milagre de desenhar uma muralha invisível e, ao mesmo tempo, criar uma mercadoria exclusiva do mercado de terras e imóveis. Permite, assim, um alto retorno do investimento, mesmo considerando, como diria Freire, o baixíssimo rendimento do lote.

(...) Ao mesmo tempo em que a lei alinhavou os territórios da riqueza, delimitou também aqueles onde deveria se instalar a pobreza. (ROLNIK, 1997).

Apesar de São Caetano, em 1955, não contar com a existência de nenhum bairro voltado para os “ricos” no seu território, pode-se perceber como a Zona Rural, neste momento, constitui um espaço residual destinado a tipos de moradias indesejadas para as quais não há regulação. No entanto, o zoneamento subsequente, correspondente a lei municipal 1398, de 1965, suprimiu esse tipo de ocupação, convertendo a Zona Rural em Zona Residencial. Este novo zoneamento, além de extinguir a Zona Rural, estabelecia a proibição da construção de moradias populares na Zona Residencial, eliminando também a última alternativa, entre as áreas da cidade, para a construção de habitações de baixo custo.⁹

Como resultado, no final da década de 1960 essa zona encontrava-se completamente loteada em conjuntos habitacionais residenciais, sendo o último deles o Jardim São Caetano. Este foi um empreendimento da Companhia City Paulista de Melhoramentos, que visava a criação de um bairro jardim de alto padrão econômico, destinado às elites da cidade, entregue em 1965 (MEDICI, 1993). Uma propaganda do ano seguinte anunciava:

(...) O Jardim São Caetano é o único bairro residencial de alta classe no ABC, projetado nos mesmos moldes do Jardim América e Pacaembu, hoje bairros famosos em São Paulo. (apud MEDICI, 1993)

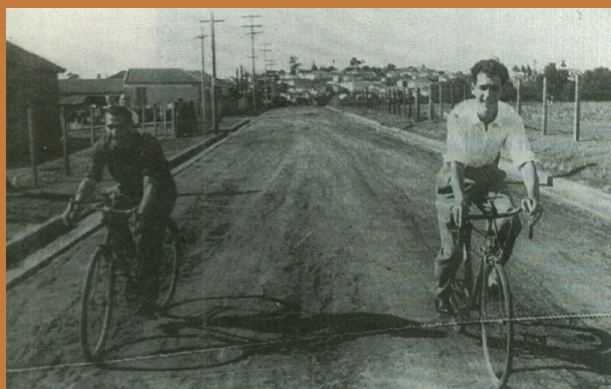
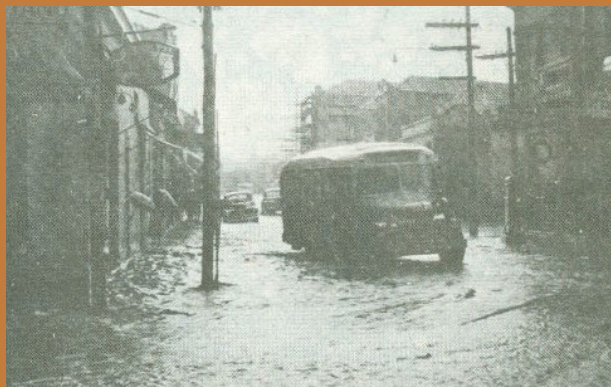


Vista atual do bairro Jardim São Caetano, 2022. Fonte: Ana Paula Borges.

9. Dados extraídos da Lei Municipal Ordinária nº 1398/1965. Disponível no site: www.administracaoweb.saocaetanodosul.sp.gov.br.



Casas no bairro Santa
Paula, 1948. Fonte: Raízes,
FPMSCS, n. 62, p. 105.



De cima para baixo: Alagamento no bairro Fundação, área industrial, 1946. Fonte: Raízes, FPMSCS, n. 02, p. 34. Ponte de acesso entre os bairros Mauá (São Caetano do S.) e Rudge Ramos (São Bernardo do C.) , na área da antiga Zona Rural. Fonte: Raízes, FPMSCS, n. 1. Loteamento no bairro São José, próximo ao limite da antiga Zona Rural. Fonte: Raízes, FPMSCS, n. 12, p. 90.

As duas realidades que marcaram a urbanização de São Caetano vão se consolidar e coexistir até o final do século XX. Uma delas, ligada ao trabalho, que se configura nos locais onde estão presentes as fábricas, os galpões, cortiços, vilas e onde a atividade comercial é mais intensa. Exemplo dessa paisagem é o bairro Fundação, que na segunda metade do século, sofria com a poluição das chaminés das fábricas e era inundado a cada temporada de chuvas (MEDICI, 1993; CARVALHO, 2022), bem como o bairro Centro, onde operários lotavam os comércios, e a estação de trem, nos horários de início e término do expediente. A outra realidade presente na cidade, está ligada a valorização dos bairros residenciais, com casas padronizadas, construídas de acordo com as normas previstas pelo zoneamento, que paulatinamente conquistavam uma boa estrutura de lazer, educação e segurança (MEDICI, 1993), e dialogavam com a ideia de subúrbio residencial norte-americana.

Essa dupla realidade se materializa na cisão social entre “moradores” e “trabalhadores” da cidade, que se manteve ao longo de todo o período de intensa industrialização no ABC (FABRETTI, 2013). Com o passar do tempo, entretanto, a segregação geográfica foi dando espaço a algumas áreas de transição, e o caráter residencial da cidade ganhou cada vez mais força, conforme a valorização do solo crescia. A cidade tornou-se cada vez mais conhecida a partir da imagem de subúrbio residencial com alta qualidade de vida. Segundo a historiadora Cristina Toledo de Carvalho (2022), a imprensa teve um papel decisivo nessa construção: o *Jornal de São Caetano*, fundado em 1946, refere-se inúmeras vezes à localidade como “Príncipe dos Municípios”, no período que se segue a sua autonomia, exaltando as qualidades da localidade e de sua comunidade.

Não que a imagem seja imprecisa, uma vez que a maioria dos moradores, de fato, tinham acesso a uma qualidade de infraestrutura urbana e serviços que era melhor que a de municípios vizinhos. A arrecadação trazida pela atividade industrial em relação ao tamanho reduzido da cidade, e da sua população, é responsável por explicar diversas conquistas no desenvolvimento humano da região. No entanto, o que se nota é que a imagem de “Príncipe dos Municípios” acabou por omitir recortes das

áreas de trabalho da cidade que acumulavam inúmeros problemas sociais e ambientais (MEDICI, 1993; CARVALHO, 2022). Áreas que mesmo não tendo uma alta densidade demográfica, como é o caso do bairro Centro, mobilizavam diariamente grandes contingentes de operários que se deslocavam por elas.

A partir de entrevistas feitas com duas moradoras da cidade, Marlene Damas, 76 anos, e Maria Rodrigues, 79 anos, evidencia-se o rebaixamento dos problemas em nome de uma imagem idealizada de uma cidade livre de precariedades. Maria Rodrigues chegou na cidade em 1973, vinda do interior da Bahia, e foi morar no bairro Oswaldo Cruz, trabalhando como operária na Fábrica Chocolate Pan¹⁰

- (...) Tinha mais fábrica, tinha mais cortiço, eu mesma morava em um.

(...) Eram todos perto do centro, perto da linha de trem.

- (...) E a senhora chegou a visitar outros bairros, mais para “cima”?

- Sim, aquela região na verdade sempre foi a mesma coisa, não mudou nada...

(...)Tinha um posto (de saúde) bom que era o da (rua) Oswaldo Cruz... O da Caixa d'água (...) a saúde já era a melhor da região desde aquela época, os sindicatos eram ótimos, já era uma das melhores cidades, era uma cidade que falavam que só tinha rico, cidade dormitório que eles só vinham para dormir.

- Mas não tinha muita indústria e fábrica aqui?

- Sim.

- Então como era uma cidade dormitório?

- É que quem era daqui mesmo não trabalhava aqui, trabalhava fora.

(RODRIGUES, Maria. [Entrevista concedida a] Ana Paula Borges,

10. Maria Rodrigues é minha avó materna, portanto seu relato, apesar de registrado em entrevista para este trabalho, também compõe uma série de memórias comuns entre membros da minha família.



Rua Oswaldo Cruz, no bairro homônimo, 1967. Fonte: Raízes, FPMSCS, n. 60, p.54.

10 abr. 2022)

Podemos observar neste relato como a imagem de “alto padrão social” já estava muito consolidada em São Caetano na década de 1970, de modo que Maria Rodrigues se refere a cidade por esse nome, caracterizando-a como um local de “ricos”. Mesmo que ela própria vivesse na época em um cortiço na cidade, em uma realidade muito diferente da idealizada – a cidade para ela era o lugar onde os “ricos” moravam, mesmo que trabalhassem em outros lugares.¹¹

11. Interessante pensar no conceito das “cidades-dormitório” que em geral é utilizado em referência a cidades que abrigam moradores de baixa renda, regiões de pouca infraestrutura e pouca oferta de trabalho. Aqui, Rodrigues enxerga São Caetano do Sul como um subúrbio “rico” – mas se vale da terminologia que provavelmente circulava à época em relação a outras cidades do ABC, como por exemplo Mauá e Diadema, como exposto na pesquisa de Jayne Nunes (2019).

Paralelamente, o relato concedido, em entrevista, pela moradora Marlene Damas (citada anteriormente) revela a cidade sob a perspectiva de um bairro residencial afastado do centro:

- Foi 80, 79/80... Eu morava na Mooca, morava em São Paulo. Aí meu marido queria comprar uma casa (...) E a minha irmã passava pelo bairro Mauá e ela viu que começaram a fazer umas casas aqui, aí nós fomos ver, compramos e gostamos.

(...) Era uma companhia que começou a comprar aqui o terreno e construir casas, quando eu vim, a casa já estava pronta e todas as outras casas.

- Como é que a senhora e a sua família faziam quando vocês precisavam comprar alguma coisa que não tinha por aqui? Vocês iam pro centro de São Caetano? (...)

- Não, a gente não ia muito, mas tinha vez que a gente ia pro Rudge Ramos porque tinha um mercado maior e dava pra comprar mais coisas. Mas aqui esse mercadinho que tinha, tinha de tudo. Apesar de não ser grande, tinha de tudo... Agora se eu precisasse de alguma coisa, aí o meu marido, que trabalhava em São Paulo, trazia. Ou se não, quando eu ia pra minha mãe eu comprava lá... Mas não foi, assim, difícil pra gente fazer as coisas. Porque se você fosse pra lá, pra São Caetano (ela se refere ao centro da cidade) era mais difícil... Pra nós era mais fácil pra cá.

(DAMAS, Marlene. [Entrevista concedida a] Ana Paula Borges, 01 mai. 2022.)

A experiência de Marlene, pertencente a classe média paulistana, que encontra em São Caetano um lugar mais aprazível para viver, demonstra como alguns bairros residenciais eram tão apartados do centro comercial-industrial que tinham seu cotidiano mais conectado à capital e às centralidades vizinhas. Tanto a escassez de estruturas de mobilidade, quanto o mercado imobiliário e os próprios moradores contribuíram de certo modo para

esse distanciamento entre alguns bairros residenciais e o centro industrial. Damas atribui a dificuldade de deslocamento para o centro de São Caetano à falta de ônibus no seu bairro. No entanto, a associação de moradores do bairro vizinho, Jardim São Caetano, por exemplo, articula-se desde a década de 1980, para não permitir a passagem de linhas de ônibus pelo bairro (MEDICI, 1993), alegando a preservação da “segurança local”, como se a ampliação dos acessos pudesse trazer gente “indesejada” à região.

Assim, percebe-se que durante os anos da industrialização mais intensa do ABC, São Caetano se constituiu como uma cidade dividida entre o local do trabalho e o da habitação. Como afirma Fabretti:

Claramente havia, em São Caetano, a condição do morador e do não-morador: havia o conjunto dos moradores de São Caetano, mas havia ainda um conjunto que excedia o primeiro, incluindo-lhe, que era o da população de São Caetano do Sul. A diferença entre o segundo e o primeiro conjunto resultava nos não-moradores, conforme concebidos pela ideologia localista constituída décadas atrás. Tratava-se dos migrantes recentes mais empobrecidos, que tinham lugar no subúrbio mediante o aluguel de um quarto ou de uma unidade qualquer de habitação precária, mas não tinham direitos, ou os tinham de modo parcial e incompleto, uma vez que para eles o urbano não havia se constituído plenamente, permanecendo esses não-moradores, portanto, numa situação marginal em relação ao restante da população. Mais absurda que a desigualdade de direitos de acesso ao mundo da mercadoria e aos meios de consumo coletivos é a ideologia racista segundo a qual o migrante empobrecido, na medida em que leva essa vida de acesso à moradia mas nela permanecendo sem direito às promessas do urbano, seria diretamente culpado pela degradação urbana, pela progressão da violência e da promiscuidade, por isso, deveria retornar ao lugar de onde veio.” (FABRETTI, 2005: 260)

É assim que no final do século XX estabeleceu-se novamente na história de São Caetano um cenário de conflitos, no qual quem residia em boas condições na cidade, cada vez mais, passou a trabalhar fora dela, e quem trabalhava nela, principalmente na atividade operária, comumente morava

fora de seus limites, em subúrbios ainda mais distantes da capital – agora chamados de periferias – ou em habitações precárias: cortiços espalhados nos interstícios das áreas mistas da cidade (áreas que atrelavam atividade industrial, comercial e habitações populares) ou ainda em favelas que se constituíram nos municípios vizinhos, nas bordas de São Caetano.¹²



Missa campal na vila operária da Cerâmica São Caetano, bairro São José. Fonte: acervo José Ribeiro in Medici, 1993.

12. A principal referência, neste caso, é a Favela Heliópolis, que desde a década de 1970 se desenvolveu próxima ao limite entre as cidades de São Paulo e São Caetano do Sul.

4. A “Desindustrialização”: antigos e novos problemas da cidade metropolitana

A partir dos anos 1980 a metrópole paulista vivenciou um processo de desconcentração do capital industrial, em decorrência da busca do barateamento do custo de produção pelas indústrias. A globalização observada desde aqueles anos operou a mundialização das atividades produtivas de diversas empresas. Nesse processo, multinacionais que tinham unidades fabris instaladas em países como o Brasil, migraram suas linhas de produção para locais como o leste asiático, para países que ofereciam mão de obra, insumos e solo mais baratos (REIS FILHO, 2006).

No entanto, segundo Nestor Goulart Reis Filho (2006), esse processo também acontece em escala nacional, a partir do deslocamento da indústria para regiões metropolitanas de outras capitais do Brasil e para o interior de São Paulo, criando pequenas áreas metropolitanas em outros locais do estado. No período dos anos 1990, são instaladas as fábricas da Volkswagen em São Carlos (1996) e em Curitiba (1999), da Mercedes-Benz em Juiz de Fora (1999) e da General Motors em Gravataí (2000). Essas localidades se tornam atrativas à indústria por disporem de incentivos fiscais, disponibilidade de grandes terrenos para uso fabril, solo mais barato em relação à metrópole paulistana e menor custo da mão de obra (FABRETTI, 2013).

De modo oposto, as cidades do ABC e a própria capital tornam-se menos atrativas para a atividade industrial devido ao encarecimento dos imóveis, do custo de vida local (que impactava nas reivindicações por aumentos salariais), do aumento de impostos e leis ambientais, e, no caso do ABC, da alta taxa de sindicalização dos operários, decorrente da ampliação dos movimentos trabalhistas desde a década de 1970 (FABRETTI, 2013).

Sendo assim, desde a década de 1980, a região do ABC vivenciou a saída de indústrias, algo que teve como resultado imediato o aumento do desemprego e de áreas ociosas, restando instalações de produção

abandonadas, mesmo em locais onde a disponibilidade do solo era escassa, como em São Caetano. Como resultado subsequente, a região do ABC observou o empobrecimento, e o aumento da precarização do trabalho, da população ligada às atividades operárias.

Alguns acompanharam as fábricas quando elas se mudaram para longe, outros continuaram morando aqui e trabalhando fora, e outros mudaram de área (...) muitas empresas foram embora daqui para locais mais baratos, né, e (agora) as pessoas tem que sair daqui para trabalhar e voltam só para dormir.

(RODRIGUES, Maria. [Entrevista concedida a] Ana Paula Borges, 10 abr. 2022.)

Para Fabretti (2013), entretanto, falar em “desindustrialização” do ABC não é totalmente preciso, uma vez que certas indústrias, entre as quais algumas muito relevantes para a economia nacional, permaneceram. Esse é o caso, justamente, da General Motors, que mantém suas instalações em São Caetano do Sul até hoje, assim como outras montadoras, à exemplo da Volkswagen, Mercedes-Benz e Scania, que também permanecem em São Bernardo do Campo.

Além disso, cidades como Mauá e Diadema vivenciaram o processo inverso, tendo o seu parque industrial ampliado, possibilitando a manutenção e até mesmo um pequeno aumento dos empregos na atividade operária – no que se configura como um processo de industrialização tardia da região. Diadema teve um crescimento de cerca de 12% nos empregos ligados à indústria desde 1991, ao passo que Mauá teve um aumento de cerca de 13% no mesmo período.¹ Os fatores que atraíram o deslocamento das fábricas para os dois municípios são os mesmos que motivaram a instalação da indústria em outras cidades do país: disponibilidade de áreas desocupadas, baixo custo do solo e da mão de obra.²

1. Segundo dados do TEM, Ministério do Trabalho e Emprego, mobilizados na tese de Fabretti (2013).

2. Essas duas localidades apresentam também atrativos particulares. Por estarem inseridas no ABC, Mauá e Diadema apresentam uma conexão espacial com a infraestrutura de suporte à indústria que se instalou na região (transportadoras, galpões, centros de distribuição e fábricas de produção de peças e insumos). Os dois municípios também são atendidos pelas rodovias locais, como as do sistema Anchieta-

É neste sentido que Fabretti (2013) discorda da atribuição de um processo de desindustrialização ao ABC, quando o que ocorreu, de fato, foi um processo de reorganização da indústria na própria região, ao se reinstalar nos “subúrbios do subúrbio” como forma de baratear a sua produção.

Porém, para São Caetano do Sul, especificamente, a partir dos anos 1980 essa reestruturação provocou a saída de fábricas menores da cidade, acarretando a perda de empregos para a população operária e a perda de arrecadação para o município, detalhe que impacta também os moradores que não trabalham na localidade pois coloca em risco a manutenção da qualidade dos serviços públicos.³

Diante dessas transformações, o poder público local, desde o fim da década de 1980, passaria a investir na ampliação do setor de comércio e serviços. Assim, os zoneamentos de 1988 e 2010, instituídos pelas leis municipais nº 2.973 (1988) e nº 4.944 (2010), tratam da criação de zonas de estímulo ao desenvolvimento do setor terciário.⁴ Essa legislação decorreria de uma precoce desconcentração industrial de São Caetano, devido à valorização imobiliária e a escassez de terrenos, provocando a transformação da economia local antes mesmo dos processos mais gerais no ABC. Sendo assim, vê-se que, entre 1997 e 2002, São Caetano ampliou a quantidade de vagas abertas anualmente no setor de serviços, e também houve a estabilização do fechamento de vagas no setor industrial, enquanto as maiores cidades do ABC registravam ainda o crescimento do desemprego.⁵

Imigrantes e o Rodoanel Mário Covas. Outro fator importante nessa atração é a presença de mão de obra operária nessas localidades. Mauá e Diadema foram municípios de urbanização tardia em comparação com as primeiras cidades do ABC. Como mostra a pesquisa de Jayne Nunes (2019), vários dos primeiros loteamentos de Mauá datam da década de 1960, de modo que essa cidade, junto a Diadema, absorveu boa parte dos migrantes que chegaram, no período, para trabalhar nas fábricas das primeiras cidades do ABC. Não encontrando valores de moradia formal acessíveis nas centralidades urbanas, muitos desses trabalhadores se fixaram nos municípios de Mauá e Diadema, constituindo uma reserva de mão de obra especializada no trabalho operário, que, por sua vez, tornou-se mais um atrativo para a instalação das indústrias nessas cidades.

3. Dados do IBGE, levantados a partir do censo de 1991, bem como do Ministério do Trabalho e Emprego, organizados na pesquisa de Fabretti (2013).

4. Dados extraídos da leis municipais nº 2.973/1988 e nº 4.944/2010, disponíveis no site: www.administracaoeb.saoctanodosul.sp.gov.br

5. Dados do Ministério do Trabalho e Emprego, mobilizados na tese de Fabretti (2013).



De cima para baixo: Área ociosa do complexo desativado das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, 2022. Fonte: Ana Paula Borges. Instalações fabris da Adria Alimentos do Brasil, atualmente em atividade em São Caetano do Sul, 2022. Fonte: Google StreetView

Também se nota, como diretrizes e incentivos a criação de projetos (voltados para investimentos do setor imobiliário, de comércio e serviços) para lidar com as áreas ociosas, legadas pela saída das fábricas, puderam surgir na região. É nesse contexto que surge, em 1997, o Projeto Eixo-Tamanduatehy, organizado pela gestão municipal de Santo André, com o objetivo de reintegrar e propor novos usos para áreas industriais abandonadas, articulando parcerias com as outras municipalidades da região. Segundo Andrea Tourinho e Gisele Yamauchi (2020), as proposições iniciais do projeto seriam promissoras, sob a consultoria de nomes importantes no planejamento urbano como Raquel Rolnik e Jordi Borja, viabilizando a participação de 4 equipes de arquitetos e urbanistas.

Para o urbanista Enio Moro Jr. (2005), entretanto, os desenhos apresentados seriam desconexos da realidade local na época, ambiciosos demais para os recursos disponíveis.⁶ Sendo assim, o projeto acabou sendo engavetado e a partir dos anos 2000, as áreas ociosas destinadas à ocupação de usos diversos, inclusive usos públicos e de interesse social, foram sendo apropriadas por iniciativas privadas, do mercado imobiliário e do comércio.

Em São Caetano do Sul um expoente deste processo é o projeto Espaço Cerâmica, um empreendimento instalado na área ociosa da antiga Cerâmica São Caetano. Esse complexo industrial foi adquirido em 1970 e posteriormente encerrado pelo Grupo Empresarial Magnesita, concorrente da Cerâmica no setor de louças. Porém, no início dos anos 2000 houve a concessão do terreno à construtora Sobloco para a execução de um empreendimento imobiliário e de um projeto urbano, que atualmente engloba condomínios de casas, edifícios residenciais e comerciais, um shopping

6. 3 dos 4 projetos foram elaborados por escritórios estrangeiros, supondo uma lógica de execução que só faria sentido em países com disponibilidade de grande investimento de recursos em obras públicas. Realidade bem diferente da existente na região do ABC, que se encontrava desarticulada internamente e empobrecida pela perda de arrecadação. A articulação política que existiu entre as cidades embasada na chegada ao poder dos partidos ligados ao movimento trabalhista – o PT em especial –, perderia forças com a desindustrialização, e executar os planos propostos, que previam a implantação de diversos projetos ambiciosos, a partir de recursos públicos e de consórcios intermunicipais, mostrou-se pouco viável.



Vista aérea da Cerâmica São Caetano,
1934. Fonte: Raízes, FPMSCS, n. 62, p. 66.

(Parkshopping São Caetano) e um hospital privado (São Luís).⁷

A partir de um Protocolo de Intenções firmado em 2002 entre a prefeitura e a construtora, iniciaram-se as obras. Para a viabilização e valorização dos empreendimentos privados, a Sobloco realizou o prolongamento da rede de distribuição de energia elétrica e cedeu parte do terreno para a execução de melhorias no sistema viário e de piscinões de drenagem que a prefeitura se comprometeu a realizar.⁸ Paralelamente, a gestão municipal criou no zoneamento lançado em 2010 a Zona do Centro Empresarial do Bairro Cerâmica, para facilitar o adensamento de atividades do setor terciário e do mercado imobiliário na área em questão.⁹

A intenção de adensar e verticalizar a área fica clara no documento a partir da instituição do índice de aproveitamento (IA) para a Sub-Zona Comercial e de Serviço demarcada no empreendimento. O IA definido é 7, o que significa que se pode construir até 7 vezes a área do lote nesses pontos.¹⁰ Ou seja, somando-se as áreas de todos os seus pavimentos, um

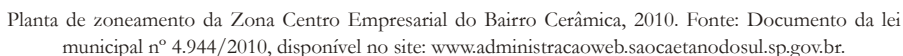
7. Dados de material de divulgação do empreendimento disponíveis no site da construtora Sobloco: www.sobloco.com.br/espacoceramica

8. Ibid.

9. Informações disponíveis no documento da lei municipal nº 4.944/2010, disponível no site: www.administracaoeb.saocaetanodosul.sp.gov.br.

10. Ibid.

Esse projeto também faz parte de um contexto de ampla expansão do mercado imobiliário na cidade. No período que se segue à desconcentração industrial, São Caetano vivencia um processo de verticalização de diversas áreas residenciais e comerciais, inclusive das mais afastadas do centro urbano. A verticalização do município, apesar de iniciada ainda na década de 1950, com a construção de imóveis emblemáticos como o Edifício Vitória¹², se intensificou a partir dos anos 1990 e do processo de desconcentração industrial.



12. Construção de uso comercial que abrigou um dos principais cinemas da cidade na época (CARVALHO, 2022).



Acima e abaixo: Área de imóveis
residenciais e comerciais do
empreendimento Espaço Cerâmica,
2022. Fonte: Ana Paula Borges





Antigo forno da fábrica Cerâmica São Caetano preservado, como monumento expográfico, no empreendimento Espaço Cerâmica, 2022. Fonte: Ana Paula Borges.

Entretanto, nesta onda de verticalização, novos empreendimentos imobiliários como o Espaço Cerâmica, que se pretendem inovadores na abordagem variada dos tipos de ocupação do solo, associando empregos, lazer e moradia, na prática, apenas reforçam a segregação entre trabalho e residência. Pois os empregos gerados pelos setores de serviço e comércio, no empreendimento, não se destinam às classes atraídas pelos lançamentos imobiliários, tampouco os trabalhadores desses locais têm acesso à moradia na cidade de São Caetano do Sul. Em última análise, essa é uma dicotomia crescente na localidade: quem mora, cada vez mais, desloca-se diariamente para trabalhar fora da cidade, e quem trabalha nela não tem recursos para nela morar.

O período em questão coincide, também, com o início do registro de crescimento do IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) em São Caetano do Sul, alcançando o primeiro lugar entre os municípios brasileiros em 2010.¹³ Esse número se explica, em grande parte, pelo tamanho reduzido

13. Dados do IBGE para IDH (Índice de Desenvolvimento Humano).

do município, pela arrecadação ainda gerada pela indústria e pela valorização do solo imposta pela baixa oferta. Fatores que limitaram a instalação de ocupações irregulares e facilitaram a gestão dos recursos públicos para os melhoramentos da cidade. No entanto, esses dados, associados a imagem construída por décadas de São Caetano do Sul como uma cidade ideal, passaram a ser utilizados pelo mercado imobiliário como elemento propagandístico dos seus empreendimentos residenciais. Desta forma, os resultados nos índices de qualidade de vida, junto de chavões como “São Caetano a cidade que não tem favelas” ou “cidade de primeiro mundo”, contribuíram, e contribuem, para a verticalização e o adensamento dos setores médios, corrente na cidade (FABRETTI, 2013).

Não é preciso dizer que os imóveis criados nesses empreendimentos não são baratos e atraem uma população de classe média bem remunerada para cidade, que frequentemente trabalha na capital, mas escolhe residir em São Caetano pela qualidade de vida e pelos preços mais acessíveis em relação a imóveis similares em São Paulo. Pode-se inferir, que parte dos empregos criados no setor de serviços se relaciona diretamente com esse adensamento populacional, pois os novos moradores utilizam serviços de alimentação, transporte, limpeza, educação para os filhos, lazer, etc.

Pode-se supor, também, que parte da população operária, sul-sancaetanense, que perdeu a sua posição na indústria nas últimas décadas migrou para o setor de serviços. No entanto, há também um número crescente de trabalhadores de regiões vizinhas que se deslocam diariamente para o município para trabalhar no setor terciário (FABRETTI, 2013). Além disso, o município, por ser referência em serviços de saúde e educação na região, atrai os mesmos moradores de áreas vizinhas, que se deslocam regularmente, para estudar ou utilizar os serviços municipais. Muitos desses trabalhadores residem em regiões periféricas que se constituíram ao redor do município, como a favela Heliópolis, e apesar de não serem moradores de São Caetano fazem parte do cotidiano da cidade.¹⁴

14. Estas são constatações feitas ao longo do diálogo com moradores da região e a partir da minha experiência pessoal como estudante no sistema municipal de ensino, dentro do qual convivi com muitos moradores de cidades vizinhas.

A realidade das habitações coletivas também continuou fazendo parte da realidade do município, apesar dos avanços alcançados na área do desenvolvimento humano nos últimos anos. A cidade ainda convive com a precarização da moradia em forma de cortiços. A dificuldade na obtenção de dados nesse campo é grande, mas Ademir Medici relata haver, em 1990, “342 cortiços em que até 12 famílias compartilham de um mesmo banheiro e tanque de lavar roupa” (MEDICI, 1993), sendo os cortiços em piores condições assolados por enchentes periódicas.¹⁵

Hoje podemos aferir a situação das habitações coletivas pelas informações divulgadas sobre o controle da pandemia de COVID-19. Segundo notícia divulgada pelo site da Prefeitura de São Caetano do Sul, em junho de 2020 estavam sendo testadas a totalidade das pessoas residentes em cortiços no município, formando um grupo correspondente a 15.000 pessoas. Este número é, proporcionalmente, muito superior a quantidade de cortiços relatada por Ademir Medice (1993) em 1990, o que gera certo receio quanto a sua confiabilidade. No entanto, se considerado real, ele corresponderia a 9,2% dos 162.763 habitantes da cidade, uma taxa que pode parecer comum em diversos grandes municípios, mas que salta aos olhos quando se trata do município com maior IDH do país, constituindo-se um ponto de contradição evidente entre imagem e realidade. Essa contradição se sintetiza nas falas de moradores:

- (...) (São Caetano) Era uma cidade que selecionava quem ia morar aqui...

- Como assim?

- Não que selecionava... Mas não tinha aquelas favelas, cortiços que “tinha” em outros lugares.

-Mas a senhora falou que tinha muito cortiço, na época...

15. Ademir Medice, obtém esses dados a partir de números levantados pela Comunidade da Igreja Candelária, que desde de 1988 realizava um trabalho de conscientização junto aos cortiços de São Caetano (MEDICE, 1993).

- Sim, mas não era aqueles cortiços feios!

(RODRIGUES, Maria. [Entrevista concedida a] Ana Paula Borges,
10 abr. 2022.)

A contradição entre a realidade da cidade anunciada (cidade que se constitui como um subúrbio de classe média, referência pela sua qualidade de vida) e da cidade daqueles que servem a este subúrbio (representada pelos indivíduos que vivenciam a cidade mesmo sem ter direito ao estilo de vida que ela propaga e por um município que conta com uma significativa parte da população vivendo em cortiços, sem destinar diretrizes, em sua legislação, ao desenvolvimento de habitação de interesse social) é talvez o que mais chame a atenção quando se estuda a história do município, pois vemos na situação atual ecos dos embates e apagamentos de conflitos que foram se dando ao longo de todos esses anos de construção de uma imagem “irretocável” de São Caetano do Sul. Em última análise, este é o mais recente, entre os conflitos que permeiam a história da cidade e a constituem: o conflito entre narrativas sobre o lugar.

Vista aérea atual da cidade de
São Caetano do sul. Fonte: Site
da PMSCS.



Considerações finais

O trabalho apresentado, sobre os conflitos e contradições que dão forma a cidade de São Caetano, demonstra como ela se constitui a partir desses conflitos em todos os seus momentos históricos. Essa não é uma fórmula exclusiva deste município, ela ocorre em outros subúrbios paulistas e na própria capital, pois os conflitos são elementos constitutivos das cidades em geral. No entanto, a consolidação precoce dos seus limites urbanos e a construção consciente de uma imagem “glamourizada” de si, particulariza a história desse fragmento da metrópole, chamado São Caetano do Sul.

Porém, a finalidade desta pesquisa não foi encontrar respostas, mas levantar as questões que definem a urbanização do município e abrir caminho para o aprofundamento da discussão sobre a cidade. São Caetano, como apresentado, é um município que se constrói tanto pelas narrativas quanto pelas materialidades, portanto, refletir sobre a cidade é importante para contribuir, quem sabe, para a sua futura construção.

Como moradora, ao longo da trajetória dessa pesquisa, pude redescobrir o município onde cresci, e se por um lado tive que me despir de muitas construções que carregava sobre o meu local de origem, por outro, pude organizar e enxergar com clareza muitas inquietações sobre a cidade que me acompanhavam há anos. Chego ao final deste trabalho, que conclui o meu ciclo de formação, feliz por reconhecer também a minha família (Accacio Novais, Maria Rodrigues e tantos outros não mencionados, cujas vivências e experiências foram mobilizadas neste trabalho) como parte atuante desses embates sobre o lugar e sobre as narrativas da cidade, e portanto, como agentes da construção da história de São Caetano do Sul. Pois, se por um lado, a cidade é feita a partir de suas leis, planos e diretrizes políticas, por outro, ela também se faz através de cada sujeito e das suas ações cotidianas.

Anexos

Anexo A. Transcrição de entrevista com Maria Rodrigues (10 abr. 2022)

Entrevista realizada com a Maria Rodrigues, moradora de São Caetano do Sul, desde 1973, quando ela chegou à região do ABC no contexto de uma onda migratória. Maria é natural da cidade de Casa Nova, no interior do estado da Bahia:

Ana Paula: Quando a senhora se mudou para São Caetano?

Maria: Por volta de 1973.

A: Quando você chegou a São Caetano qual foi sua impressão sobre a cidade, em relação ao lugar de onde você vinha?

M: Eu Gostei.

A: Você gostou, por quê?

M: A eu não sei, eu tinha “loucura” de conhecer São Paulo, era um sonho de conhecer São Paulo, não São Caetano (necessariamente), mas era um sonho vir para cá, independente do lugar.

A: E quando chegou em São Caetano, você fazia essa distinção de que São Caetano era uma cidade e São Paulo era outra, você enxergava “isso” é São Paulo e “isso” é São Caetano?

M: Enxergava como São Paulo, mas gostei muito, e de São Caetano ainda mais, São Caetano é um lugar que eu gostei, morei e moro a vida inteira, e daqui não saio mais!

A: E por que você diz que gostou mais de São Caetano do que de São Paulo? Quando você comparava... Porque você ia visitar parentes em São Paulo, não ia?

M: Sim, ia visitar sim, mas em todos os lugares que fui: Osasco, Itaquera... Para mim, é melhor São Caetano.

A: E São Caetano, como era nessa época? O que era diferente de hoje? Da paisagem, das ruas, dos bairros?

M: Agora São Caetano está mais bonito!

A: Mas o que era de diferente? Tinha mais fábrica?

M: Tinha mais fábrica, tinha mais cortiço, eu mesma morava eu um.

A: O Cortiço onde a senhora morou já era na (rua) Oswaldo Cruz?

M: Não, era na (rua) Augusto de Toledo, eu vim direto para a (rua) Augusto de Toledo.

A: E as ruas, eram melhores... piores...?

M: A pelo menos as ruas onde eu morava eram boas.

A: E como é que eram esses cortiços, tinha diferença entre eles? Tinham melhores ou piores?

M: Isso eu não sei, não visitava os outros.

A: E o que a senhora morava como era?

M: Ah eu gostava por quê era perto de tudo, então era muito bom.

A: Era um cortiço muito dividido?

M: Não, eram 4 casas só. 5 se contar o quarto que a Chica morava... No cortiço onde eu morava, também morava a dona Olinda, era um cortiço com 4 casas de uma dona só...

A: E os cortiços naquela época, eram mais perto do centro? Ou eram afastados?

M: Eram todos perto do centro.

A: Entendi, e para cá... Os bairros mais afastados, eu sempre ouço falar que para cá era “mato”.

M: Não, quando a gente veio para cá já não tinha mais...

A: E a senhora chegou a visitar outros bairros, mais pra “cima” da Augusto de Toledo?

M: Sim, aquela região na verdade sempre foi a mesma coisa, não mudou nada...

A: Não mudou nada?

M: Não.

A: Tinham casas já?

M: É, “tudo” aquelas casinhas, já tinha “tudo”.

A: E quando a senhora chegou, trabalhou primeiro onde?

M: Na Pan. (Fábrica de chocolates em São Caetano do Sul)

A: E trabalhava onde na Pan?

M: Na linha de produção dos bombons.

A: E a galera que trabalhava com você? Onde moravam? Como moravam?

M: Ah, moravam em Santo André, Mauá...

A: Nem todos eram de São Caetano?

M: Não, nem todos de São Caetano.

A: E vinha gente de São Paulo também?

M: Sim, vinha sim.

A: Mas a maioria, era do ABC ou de fora...?

M: A maioria era do ABC.

A: E o pessoal que trabalhava na fábrica? Qual a origem deles? Tinham pessoas que já nasceram aqui? Pessoas vindas de fora? Como era?

M: No cortiço apenas a dona Lena que nasceu aqui.

A: E na Pan, seus colegas...?

M: Ah... não lembro disso...

A: Mas muita gente que a senhora conhecia veio da Bahia também né?

M: Sim, grande parte de nordestinos.

A: E com relação à estrutura da cidade? Já tinha “isso” de ter uma boa educação, saúde...?

M: Tinha! Tinha um posto (de saúde) bom que era o da (rua) Oswaldo Cruz... O da Caixa D’água. Tinha o hospital São Caetano...

A: A saúde (municipal) já era famosa desde aquela época?

M: Sim, a saúde já era a melhor da região desde aquela época, os sindicatos eram ótimos, já era uma das melhores cidades, era uma cidade que falavam que só tinha “rico”, cidade dormitório que eles só vinham para dormir.

A: Mas não tinha muita indústria e fábrica aqui?

M: Sim.

A: Então como era uma cidade dormitório?

M: É que quem era daqui mesmo não trabalhava aqui, trabalhava fora.

A: Entendi, então nas famílias que já estavam aqui há muito tempo, as novas gerações começaram a trabalhar em São Paulo e quem vinha de outra cidade trabalhava aqui, é isso?

M: Isso.

A: “Isso” do sindicato, como era?

M: Era bom, eu tinha plano de saúde pelo sindicato da firma onde eu trabalhava. Você tinha o posto de saúde, mas pelo sindicato você tinha médico também.

Tinha mais benefícios, a cidade ajudava a viver melhor, era o sonho de todos morar em São Caetano.

A: Entendi, e era o sonho de todo mundo por causa da infraestrutura? Ou por ter muito emprego? E era fácil conseguir emprego?

M: Era fácil, você preenchia uma ficha e era aprovado. Antigamente quem não tinha estudo não precisava nem saber ler, você não ficava desempregado, uma pessoa chegava e arrumava pra você... Hoje em dia se você não tiver faculdade não consegue trabalhar.

A: Precisa ter instrução né? Mas eles contratavam com carteira assinada?

M: Sim, tudo “direitinho”.

A: Entendi, era uma cidade menos vertical também né? Tinham menos prédios...?

M: Sim, isso mesmo, tinham mais casas, casa familiar. Era uma cidade que selecionava quem ia morar aqui...

A: Como assim?

M: Não que selecionava... Mas não “tinha” aquelas favelas, cortiços que “tinha” em outros lugares.

A: Mas tinha muito cortiço, na época...

M: Sim, mas não eram aqueles cortiços feios!

A: Como assim? Como os cortiços do centro de São Paulo...?

M: Isso, aqui era tudo “arrumadinho”.

A: Eram mais bem cuidados...?

M: Isso!

A: E quando a senhora chegou aqui, você sentiu preconceito?

M: Eu nunca senti.

A: Imagino que aqui também tinha uma comunidade muito grande do nordeste...

M: Sim e a gente fazia mais amizade entre a gente.

A: Com relação às cidades do ABC, a senhora ia para Santo André ou São Bernardo para fazer compras?

M: Fazia compras, de vez em quando, em São Bernardo. Em Santo André não, eu não ia, era muito difícil.

A: Quando a senhora precisava fazer compras fora de São Caetano, para onde a senhora ia?

M: Principalmente pra São Paulo, na (rua) Vinte e Cinco de Março, na Estação da Luz... No Brás...

A: Quando a senhora precisava fazer compras era mais comum ir para São Paulo ou para São Bernardo e Santo André?

M: Era mais comum eu ir para São Paulo.

A: Não havia a relação de ir fazer compras em Santo André ou São Bernardo porque ficavam mais próximas de São Caetano?

M: Não, apesar da distância era mais fácil ir pra São Paulo. A gente ia de trem... Quando eu cheguei aqui, a estação de São Caetano não tinha passagem subterrânea sobre os trilhos, a passagem era por cima, e quando o trem passava, fechavam as porteirosas e os carros e as pessoas esperavam o trem passar para atravessar para o outro lado. Para ir para São Paulo, a gente pegava o trem em São Caetano, e depois de três ou quatro estações, estávamos no Brás ou na Luz... Ou a gente pegava um ônibus até o Parque Dom Pedro e ia a pé para o Brás. No começo eu não sabia ir para o Brás de trem, então ia de ônibus, depois que aprendi a descer na estação do Brás ficou mais fácil. O transporte para ir para São Paulo era mais fácil.

A: A senhora usa a expressão “prá baixo das porteirosas” sempre, para se referir aos bairros de São Caetano que ficam depois da linha do trem. Como eram esses locais (bairros da Fundação e Prosperidade) naquela época?

M: Era um lugar morto, sem movimento, tinha muitas firmas e quase sem comércio.

A: Hoje em dia muitas dessas fábricas saíram de São Caetano...

Para onde foram os empregados que moravam aqui?

M: Alguns acompanharam as fábricas quando elas se mudaram para longe, outros continuaram morando aqui e trabalhando fora, e outros mudaram de área.

A: Naquela época havia muitos empregos em São Caetano e hoje não, a senhora acha que isso fez São Caetano se tornar uma “cidade dormitório”?

M: Sim, muitas empresas foram embora daqui para locais mais baratos, né e (agora) as pessoas tem que sair daqui para trabalhar e voltam só para dormir.

Anexo B. Transcrição de entrevista com Marlene Damas (01 mai. 2022)

Entrevista realizada com a Marlene Damas, moradora do bairro Mauá, em São Caetano do Sul, desde o início dos anos 80, quando seu marido adquiriu uma casa em um loteamento do BNH – Banco Nacional de Habitação - na região:

Marlene: Quando eu vim morar aqui, já faz uns 40 anos...

Ana Paula: 40 anos? Isso foi o quê? 80, 70...?

Marlene: Foi 80, 79/80... Eu morava na Mooca, morava em São Paulo.

Aí meu marido queria comprar uma casa, e a minha irmã trabalhava na Brastemp, e na Brastemp eles tinham um ônibus que levava... Só que aqui (no bairro Mauá) não tinha! E a minha irmã passava pelo bairro Mauá e ela viu que começaram a fazer umas casas aqui, aí nós fomos ver, compramos e gostamos.

Quando eu vim morar aqui, esse pedaço da Estrada das Lágrimas ainda não tinha.

Ana Paula: Não tinha a avenida?

M: Não tinha a avenida. Quando eu vim morar aqui, umas três casas pra baixo da minha era uma fábrica, uma olaria. As casas eram pra cá da avenida e depois tinha uma olaria, que depois derrubaram e tudo.

Então na Estrada das Lágrimas não passava ônibus nem nada, era assim: onde está o Pellegrino (colégio municipal do bairro) era uma chácara. Era uma chácara de uma japonesa, ela e o esposo, ela se chamava Dona Maria. Então eles tinham chácara aí, e vendiam verduras, flores... Tinha até porco, sabe? Vendia de tudo lá.

Do lado de onde é o Pellegrino era uma fábrica, tinha uma fábrica que “dava” bem em frente ao cemitério. Eu conhecia uma pessoa que trabalhava lá e ela falava assim “ Ai Marlene”, ela era telefonista lá e dizia:

“Ai Marlene! Eu levo cada susto! Porque nesse cemitério eu já sei quando vai enterrar alguém”. Porque tocava uma música... Acho que Ave Maria... Sei lá qual era a música que tocava...

A: A música do cortejo!

M: É, e ela dizia que levava cada susto!

Então se eu tivesse que ir pra São Paulo, eu tinha que ir lá pro Rudge Ramos (bairro vizinho, já dentro do município de São Bernardo do Campo) e lá tinha uma “pontinha” que eu acho que era de madeira...

A: Que é a ponte desse rio? O Rio dos Meninos?

M: Essa ponte desse rio. Era de madeira e você tinha que tomar o ônibus lá em Rudge Ramos, e quando você voltava, você tinha que descer no Rudge e vir, esse pedaço, a pé. A faculdade Mauá tinha.

A: Ah, já tinha a faculdade nessa época...

M: A faculdade Mauá tinha, e era o “maior barato” (risos). Aqui no fim dessa rua, não tinha muro e tinha muito pé de laranja. Então a turma ia lá pegar laranja, na faculdade, pra fazer doce... pra comer... Então parecia interior mesmo, como minha mãe falava, que aqui era uma “fazendinha” (risos).

A: Ali era um bosque...?

M: Isso, era um bosque. E o Jardim São Caetano (bairro vizinho) era um “barato”. No Jardim São Caetano eu tinha uma amiga, que eu conheci na Igreja, a gente dava aula de catequese lá... Mas era um “barato”! Era uma casa aqui, a outra lá do outro lado, e de poço. Aí depois, progrediu tanto, mas tanto... A escolinha lá de cima não existia, lá não existia nada, lá pra cima.

E depois o que eles fizeram: Onde era a fábrica eles fizeram aquele condomínio que tem agora. Mais pra cá, na chácara, eles construíram o Pellegrino... O colégio...

Porque quando eu vim morar aqui, a minha filha mais velha tinha que estudar no Torloni (colégio do bairro vizinho).

A: Porque não tinha colégio perto?

M: Não, não tinha colégio. Aí ela estudava no Torloni e pra educação física, eu tinha que levar ela lá no estádio, porque não tinha, assim, quadra nas escolas... E depois... Depois fizeram a avenida... Ah, essa fábrica de olaria aqui tiraram...

A: E a senhora lembra, mais ou menos, quando foi isso? Quanto tempo depois da senhora mudar pra cá?

M: Não fazia muito tempo, porque eu morava aqui e depois logo... Vamos supor que eu mudei “aqui” em 80, por aí, acho que nem dois anos depois já tinham derrubado “aí”. E já tinham um projeto né? Que era pra fazer essa avenida.

Mas era muito legal. E eu tinha um tio que dizia: “Marlene, quem tiver dinheiro pra comprar terreno aí onde você está falando, depois você vai me contar como vai progredir. Quem tiver dinheiro e comprar, vai se sair bem”. E é verdade né?

A: É verdade.

M: Aquilo lá ficou muito lindo. Aqui tudo a gente tem, a gente tem escola, na escola você tem educação física, tem tudo. Abriu a padaria que não tinha. Aí nós tínhamos lá em cima... Agora é um bar... Que ficam muitos estudantes.

A: Sei, o Bar do Baié.

M: Isso, nesse Baié, ali era a venda da Dona Maria. Ela e o esposo dela. E até hoje tem aqueles sobrados onde tem um cabelereiro, sabe? Era da Dona Maria, tudo aquilo. E do outro lado tinha uma vendinha também, era o que nós tínhamos aqui.

A Dona Maria era um “barato”! Você ia comprar as coisas e você comprava de caderneta (risos).

A: E pagava uma vez por mês...

M: E pagava uma vez por mês. Aí o meu marido falava: “Vamos na Dona Maria”, aí comprava leite, pão, queijo, não sei o quê... E você levava a caderneta e marcava. No final do mês você ia lá e pagava a conta da

caderneta. Isso nem existe mais...

A: E era na base da confiança naquela época né? (risos)

M: Sim, tinha que ter confiança (risos). Então tinha a Dona Maria e uma outra vendinha, aquela vendinha lá, ele (o dono) morava atrás do parquinho. Tinha um sobrado em que ele morava. E era bom, você comprava e não precisava carregar, eles traziam na sua casa as compras sabe... Era muito legal né? Aí começou a progredir, melhorar, melhorar, melhorar e eu falei assim: “Nossa São Caetano foi muito rápido né?” se transformou.

As ruas também. As ruas aqui tinham água, mas eram uns canos pequeninhos “assim”, e num instante arrebentaram rua... Já mudaram o sistema de água, com canos maiores... Porque também não tinha casa, então o que tinha (de infraestrutura), até então, era suficiente. Eles arrumaram tudo. Progrediu muito rápido...

A: Verdade. Sim, porque a senhora disse que se mudou pra cá faz 40 anos...

M: Sim, faz 40 anos, por aí...

A: E eu fico imaginando... Porque eu tenho 25, e quando eu era criança eu já lembro do bairro mais ou menos do jeito que ele está. Então isso, não é tão recente... Sei lá, uns 20 anos depois que a senhora mudou, mudou tudo isso no bairro...

M: Mudou, mudou tudo isso. Até a prefeitura, a prefeitura era lá no... No centro de São Caetano, que tem até hoje...

A: Sim, lá na Goiás (avenida), onde é a câmara hoje...

M: Sim, é a câmara hoje. A prefeitura era lá, depois fizeram a nova prefeitura aqui perto. Ficou tão bom... E foi indo e progredindo muito.

A: Mas me conta uma coisa, quando a senhora mudou pra cá, o que eram essas casas que estavam construindo? Era um loteamento...? E quem estava fazendo o loteamento já estava vendendo as casas, ou vendia o terreno e cada um fazia a sua própria casa?

M: Não, não. Era uma companhia que começou a comprar aqui o

terreno e construir casas, quando eu vim a casa já estava pronta, e todas as outras casas. Aí quando a minha irmã passava pra trabalhar na Brastemp, do ônibus, lá no Rudge Ramos, ela via que estavam construindo. Quando nós viemos aqui, tinha já bastante casa. Lá pra trás do cemitério não tem um conjunto?

A: Sim.

M: Lá também estavam construindo.

A: Era o conjunto do Radialista?

M: Não, o Radialista, também vou te falar dele, mas era atrás do cemitério, ali não têm várias casas?

A: Sim.

M: Então, ali também. Uma companhia, não sei que companhia que era, começou a construir casas lá. Eram umas casas que eram até mais baratas do que aqui, porque aqui eles faziam sobrados e casas térreas, e ali só tinha casa térrea. Mas ficou muito bonitinho, tudo arrumado. E também... Você falou dos Radialistas? Os Radialistas, quando eu vim morar aqui, não tinha nada. Não tinha apartamento, não tinha nada. Só tinha lá uma lagoa...

A: Era um descampado?

M: Era um descampado e tinha uma lagoa que morreu muita criança lá, afogada na lagoa...

A: Mas era uma lagoa natural ou tinha a ver com alguma olaria...?

M: Não, era natural, uma água natural que tinha lá. E tinha essa lagoa, a molecada ia lá, e teve até morte... E num instante, eles começaram a fazer esses prédios, que eles falam que “é” dos Radialistas, né? Porque lá não tinha nada, aí começaram a construir todos aqueles prédios, e foi bom, muita gente comprou... E graças a Deus, onde era a lagoa, que é do outro lado, onde ainda tem chácara, hoje... Não sei se você já viu...?

A: Sim, aquela parte do linhão, murada né?

M: Isso, era ali que era a lagoa... Você vê como a minha mãe tinha

razão de falar que eu iria pra “fazendinha”, porque ali não tinha nada (risos).

A: Era praticamente rural...

M: Mas progrediu muito rápido, muito, muito... Foi bom...

A: Foi um bom investimento...

M: Foi muito bom...

A: Mas como que a senhora sentiu essa mudança? Porque a senhora saiu de um lugar na Mooca, na cidade grande. Um lugar super movimentado, tinha ônibus pra vários lugares...

M: Pra todo o lado!

Bom, eu estranhei! Lógico!. Eu estranhei porque eu vim pra um lugar que... Tá certo, era a minha casa, onde eu morava na Mooca era alugado, não é? E eu estava vindo pra minha casa... Mas com o tempo eu fui me acostumando, depois com o tempo foi progredindo...

A: Foi mudando tudo e foi facilitando?

M: Foi facilitando... Nossa aí foi bom, foi bom morar aqui, pelo menos a gente tinha a nossa casa e foi muito legal. E eu gostei... Apesar de que onde a gente morava tinha tudo, né?

A: E como é que a senhora e a sua família faziam, quando vocês precisavam comprar alguma coisa que não tinha por aqui? Vocês iam pro centro de São Caetano? Ou vocês iam pro Rudge, pra São Paulo...?

M: Não, a gente não ia muito, mas tinha vez que a gente ia pro Rudge Ramos porque tinha um mercado maior e dava pra comprar mais coisas. Mas aqui, esse mercadinho que tinha, tinha de tudo. Apesar de não ser grande, tinha de tudo... Agora se eu precisasse de alguma coisa, aí o meu marido, que trabalhava em São Paulo, trazia. Ou se não, quando eu ia pra minha mãe eu comprava lá... Mas não foi, assim, difícil pra gente fazer as coisas. Porque se você fosse pra lá, pra São Caetano (ela se refere ao centro da cidade), era mais difícil... Pra nós era mais fácil pra cá.

A: Sim. E a senhora falou que os filhos da senhora estudaram no Torloni, certo?

M: A Cláudia estudou no Torloni, e o Fábio... Depois o Paulo já tinha escola aqui... Aí foi tudo mais fácil.

A: E a escola era o Pellegrino?

M: Era o Pellegrino e já tinha a Maria D'Agostini (escola infantil). E o Paulinho também foi pra Maria D'Agostini e a minha neta, que teve bebê agora, e ele também está lá.

A: Entendi. Antes de vir pra cá, a senhora era de São Paulo. E a senhora cresceu lá?

M: Sim, nasci em São Paulo, cresci em São Paulo...

A: Sempre na Mooca?

M: No Cambuci. Eu nasci no Cambuci e me criei lá. E trabalhei no Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento...

A: Que interessante... E o que era isso?

M: Eram duas editoras: Pensamento e Cutrics. Mas era uma coisa muito linda, era um prédio na Almeida Júnior, perto da Praça da Sé, mas desse lado... Era perto daquelas casas de mármore, daquele teatro... Eles tinham... Da religião deles lá, do estudo da mente, eles tinham muitos artistas da TV que faziam novela e tudo, que iam lá buscar os livros... Comprar as coisas... Era muito lindo. Eu trabalhei lá nova, e eu só saí de lá quando eu fui casar, porque o meu marido falou: “Vai casar, não vai trabalhar mais!” Falou que eu não ia trabalhar mais, mas depois eu fui (risos).

A: Entendi. E a senhora me falou bastante do bairro e tal, mas, e aqui perto do rio? Porque eu tenho olhado algumas imagens antigas e as margens do rio estão sempre desocupadas. Como era nessa época? A senhora lembra quando essa área começou a ser ocupada?

M: Era como eu te falei, quando eu vim pra cá, aquilo lá não tinha nada. Tinha só a faculdade e aquela “pontinha” que a gente passava pra lá e

pra cá, mas era só...

A: E alagava antigamente? Ali pra baixo?

M: Alagava. Chovia e... Olha, o Jardim São Caetano e toda essa avenida do rio aí, a... Como é?

A: A Av. Guido Aliberti?

M: É, a Av. Guido Aliberti lá, ela enchia toda. O rio transbordava, já vinha muita água, de quando chovia, de São Bernardo, Santo André e vinha tudo pra cá... E aqui no Rio dos Meninos acumulava... Então muita gente que morava no Jardim São Caetano ou na beira aí do rio perdeu tudo... Era aquelas enchentes bravas que tinham, aquelas enchentes que só vendo... Só que depois eles foram arrumando, muraram os rios e tudo. Se enche por lá, agora, é muito pouca coisa. Mas que nem antes não, nem chega perto, antes enchia muito.

A: Entendi. E a água subia mais, ou era só a poucos metros do rio?

M: Não, subia. Subia bastante...

A: Chegava perto da avenida (Estrada das Lágrimas)?

M: Chegava bem aí. A gente dava graças a Deus porque nós morávamos no alto, e a gente falava: “Se chegar aqui é porque morreu “meio” São Caetano”. Mas lá enchia “feio”, era “feio” lá.

A: Entendi. O Jardim São Caetano também alagava?

M: Alagava, alagava tudo lá.

A: E essas casas de alto padrão que tem hoje, no Jardim São Caetano, quando começaram a aparecer? Porque a senhora falou que antigamente era tudo espaçado ali... Ali teve loteamento também?

M: Então, eu acho que foi, porque cada um ia lá comprava o terreno e construía... E mesmo que tivesse alguma construtora construindo, quem tinha dinheiro ia lá e comprava. Mas no começo não, era uma casa aqui e outra lá, e tudo “de poço”. Isso aí progrediu muito. Vieram os Radialistas, depois outro conjunto lá em cima, que também não tinha, depois atrás do

cemitério também. Foi muito bom.

A: E quando a senhora chegou aqui, a senhora disse que as casas já eram vendidas construídas, e eles entregavam tudo já? As ruas já eram pavimentadas... As casas já estavam ligadas na rede de água e energia?

M: Ah sim, tinha água que nem eu te falei. Aqueles canos pequenos que depois foram reformados. Até, quando eu mudei, o meu marido mandou por mais uma caixa d'água, porque meu marido falou: “Vai que acaba a água...”. Mas foi rápido, assim que nós viemos morar aqui, logo depois, já estavam arrebitando tudo e arrumando. Foi rápido.

A: E as ruas nessa época já eram asfaltadas...?

M: Ah então, tava começando... Que nem, lá não tinha asfalto (ela faz sinal em direção à Estrada das Lágrimas).

A: Sim. Na avenida.

M: Mas aí depois começaram a asfaltar e arrumaram tudo.

A: E o que a senhora contava sobre São Caetano para os seus parentes, amigos...?

M: Eu gostava daqui, mas era a tal da piadinha, né? Eles falavam que eu morava na “fazendinha”, né? Mas era gostoso, meu marido ia buscar meus pais, eles vinham aqui, ficavam um tempo... Então, pra eles era novidade, porque eles moravam em um lugar que tinha tudo. No Cambuci tinha tudo, você ia pra cá, pra lá, tinha ônibus pra todo o lugar, mercado, tudo... Era que nem eu, quando eu morava na Mooca, tinha tudo.

Então, depois, quando eu vim pra cá, foi novidade pra todo mundo. Eles falavam da escolinha que era longe... “ah, mas não faz mal, a gente leva as crianças lá” ... E no fim, até eles ficaram gostando daqui...

A: E como era a relação da senhora com a vizinhança? Como era o pessoal que vinha pra cá?

M: Ah! Uma benção! Essa turma daqui que mora aqui pra cima, sempre falava: “Nossa por que vocês desse pedaço se dão tão bem? Porque

lá só falta saírem no tapa”. Mas sabe por que era assim? A gente era, assim, uma vizinhança em que um gostava do outro.

Então, vamos supor, era época de festa junina... A gente falava assim: “Vamos fazer, vamos lá”. E tinha uma moça, a Sara, que agora ela está morando em Santos... A Sara falava assim: “Eu vou lá na prefeitura pedir pra fechar a rua, aí nós fazemos a festa junina”. Aí a gente fazia festa junina e cada um fazia uma coisa. Alguém dizia: “Marlene, você vai fazer vinho quente, ela faz quentão, a outra faz o bolo...” E a gente fazia, arrumava as mesas, punha música... Então éramos muito unidos.

Quando chegava perto do natal, tinha uma senhora aqui nessa rua, que era muito católica, e ela dizia: “vamos fazer oração nas casas?”, e a gente vinha e fazia oração nas casas... Então a gente foi sempre muito unido.

Depois, nessas rezas, eu conheci uma senhora aí do Jardim São Caetano (bairro vizinho). No comecinho do Jardim São Caetano, na igreja, porque eu ia na missa e conheci. Aí eu e o meu marido começamos a ir na igreja Santo Antônio... (Marlene faz uma pausa) Não sei se isso aí vai servir pra você...

A: Ah, a próxima pergunta que eu ia fazer era onde era essa igreja, e se tinha igreja no bairro...

M: Ah sim, aqui não tinha, mas tinha essa do Jardim São Caetano... Então, essa minha amiga (da igreja) falou: “Marlene, lá no centro de São Caetano, na igreja Matriz, vai ter uma palestra pra casais, vocês não querem ir?”. Eu respondi: “Não sei, vou falar com o Flávio, meu marido. Se ele quiser ir, nós vamos”. Era no Externato Santo Antônio. Então nós fizemos a nossa inscrição lá na igreja e fomos. Foi do sábado, de manhã até à tarde, no domingo nós voltamos e fizemos tudo. Aí convidaram a gente, perguntaram se nós queríamos dar aula no Jardim São Caetano pros casais que estavam morando por lá. Porque ali (a Igreja), atendia o Jardim e lá em baixo também... Então, nós começamos a ir na igreja Santo Antônio.

A igreja era “terra”, não tinha piso. Não tinha banco, eram cadeiras... E aí eu e o meu marido começamos a dar aula pra casais, e depois o padre falou: “Marlene, você não quer dar catequese?”. E eu falei que dava, e o

meu marido dava aula de batizados e pra noivos. Nós começamos naquela igreja...

O primeiro casamento que teve, naquela igreja, nós fizemos com um disco, porque não tinha mais nada... Pusemos uma música, o padre falou e tal... Aí foi. Depois, pro Jardim São Caetano começou a vir mais gente, e a gente pensou em ver quem podia ajudar a comprar bancos. Então a gente via lá com a turma... E quem chegava no Jardim São Caetano, nessa época, já estava melhor de vida... Então um ajudava, outro ajudava, meu marido também ajudou... E compramos os bancos da igreja, até colocamos umas plaquinhas com os nomes de quem ajudou a comprar. Nós trabalhamos muitos anos lá, trabalhei até quando o meu marido ficou doente, porque ele ficou seis anos e meio numa cama... Com Parkinson...

A: Nossa...

M: Aí ele já não pôde dar mais aula, nem eu... Então, foi quando eu prestei concurso na prefeitura e entrei. Aí eu fui trabalhar. E foi isso... Agora a igreja já está em reforma de novo, porque igreja tem sempre que arrumar e fazer as coisas.... E, naquela época, nós tínhamos também a igreja “pronta” que era a do Rudge Ramos, a São João Batista. Mas essa igreja do Jardim São Caetano... Nossa! Hoje a gente olha a mudança e a gente tem orgulho, porque a gente jogava um pouquinho de água na terra, assim, no chão, pra poder arrumar... Fazer os casamentos... E agora tá tudo arrumado.

Ah e depois, com o tempo, o pessoal da igreja lá do centro (Igreja Matriz) chamou a gente pra fazer um jornal...

A: Um jornalzinho da igreja?

M: É o jornal da igreja, pra dar pras pessoas. Veio uma equipe aqui em casa, da turma da igreja, que já fazia o jornal e foram ajudando a gente, explicando como montar um jornal... E fizemos tudo isso aí também... Até que nós trabalhamos bastante lá.

A: Então a senhora também frequentava a igreja do centro?

M: Ah a gente ia, depois que a gente começou a fazer os cursos lá, a gente ia. Tinham muitos cursos que eles davam, então a gente ia direto.

A: Que legal! E o pessoal aqui do bairro, os moradores vieram de São Paulo também? Ou de outros lugares? O que a senhora sabe?

M: Ah tinha muita gente que já morava “pros lados” do centro de São Caetano, e estava comprando a casa aqui. Porque já moravam lá, mas moravam de aluguel... Tinha muita gente que morava lá perto da estação, daqueles lugares e aí veio vindo.

Essa minha vizinha mesmo, ela veio da Espanha. Ela com a mãe dela... Sabe aquelas pessoas que vieram fugidas da Espanha?

A: Sério, como foi...?

M: Não sei porquê, mas ela dizia que eles tinham medo, tinham que andar escondido... Era uma história “lascada”... Eles vieram e a primeira coisa que eles acharam foi uma casa lá no centro de São Caetano. Eles ficaram lá e depois deu certo de eles poderem comprar a casa deles... Primeiro eles compraram daquele lado (ela acena para o outro lado da rua), e depois eles venderam lá, e compraram essa daqui (ela acena para a casa ao lado da sua).

E eles eram muito legais, ela contava uma história, que hoje toda a vez que eu vejo um manequim eu morro de dar risada. Ela veio da Espanha, há muitos anos, e acho que lá onde ela morava não tinha manequim. E ela foi passear no centro de São Caetano lá perto da estação de trem e ela viu um manequim e disse: “Buenos dias!”. E depois ficou revoltada porque o manequim não respondeu! (risos) Ela achava que manequim era gente e ficou achando que as pessoas daqui eram mal-educadas... Depois ela entendeu tudo, mas ela contando... Você rola no chão de rir (risos).

A: Então tinha gente aqui de vários lugares?

M: Tinha sim, mesmo essa casa... Tinha uma placa de vende-se aqui, aí o meu marido veio ver o bairro, pegou o número e foi falar com o proprietário. Eram o seu Rui e a dona Ana e eles moravam antes na Mooca também. Aí meu marido comprou dele, deu “um tanto” e depois continuou pagando a casa. Até que um dia, a dona Ana veio chorando aqui dizendo

que queria a casa... O meu marido estava no serviço e quando ele chegou eu falei: “Flávio, a senhora, ela parece que não tá bem de saúde... Ela veio aqui tocar a campainha, chorou... Fala pro marido dela devolver o dinheiro que a gente já pagou, e a gente procura outra casa aqui, tem mais casas... Porque a mulher, parece que ela não tá bem...”.

Então, o meu marido foi no escritório do marido dela, que era em São Paulo, conversar... E ele (o antigo proprietário) disse: “Não... Antes era o “tal do cemitério”, ela viu o cemitério pela janela e ela não quis morar mais lá, não quis nem mudar pra dentro da casa. Agora não, ela me atormentou tanto pra vender a casa que agora está vendida, se ela quiser, eu vou procurar outra lá.”

E ele comprou. Três casas pra lá na rua, morava uma turma do Rio de Janeiro, só que a turma vinda do Rio... É lógico, com tanta coisa no Rio de Janeiro, chegaram aqui e era tão quietinho, que a turma não quis, aí eles puseram pra vender e o seu Rui comprou e mudou.

A: E o pessoal aqui trabalhava em São Caetano mesmo?

M: Olha, tinha gente pra todo lado, tinha gente que trabalhava pra São Paulo ou pra outros lugares. Mas tinha gente que trabalhava em São Caetano, em algum comércio... Ou nas firmas...

A: Porque “pro centro” tinha bastante fábrica né?

M: Tinha, tinha. Mesmo no Jardim São Caetano tinha aquela fábrica lá também de... De argila né?

A: Tinha a Cerâmica pra lá... (Cerâmica São Caetano).

M: Tinha a Cerâmica lá e eu tinha uma amiga que o pai dela trabalhava nessa cerâmica. E a Cerâmica dava casa pra eles “morar” ...

A: Ah tinham casas da Cerâmica?

M: Tinha, não sei se “pegado” a Cerâmica ou não né... Mas ela contava que eles moravam em casa da Cerâmica e que era muito bom, que eles davam festa pros funcionários... Ela falava muito bem da Cerâmica. Mas sobre isso eu não sei bem o que falar pra você, porque eu não cheguei a ver,

eu sei o que a minha amiga contava... E já era lá pra “cima”...

A: E a senhora falou que o seu marido trabalhava em São Paulo né?

M: Em São Paulo.

A: Ele trabalhava com o quê?

M: Então, ele trabalhava na Gaspar Gasparian, era na Boa Vista. Essa Gaspar Gasparian era uma empresa de tecidos... Eles tinham no interior fábrica de leite também, muita coisa, e o meu marido era chefe de um departamento dessa Gaspar Gasparian... Trabalhou muitos anos com ela.

A: Entendi. E naquela época, pra ir pra São Paulo, tinha que ser de carro?

M: Tinha que ser de carro. Ou se não ele tinha que andar até o Rudge e pegar o ônibus que ia pro centro de São Paulo, e ia por lá.

A: Muito legal, a senhora lembra muita coisa...

M: Ah... A gente não sabe muito sabe por quê? Porque quando a gente veio morar aqui, a gente não tinha aquele senso de especular né?

A: Mas acho que até por... Naquela época, pela comunidade ser mais próxima, eu acho que vocês acabaram tendo uma visão melhor do bairro, e uns dos outros, do que eu tive, por exemplo. Porque quando eu cresci, aqui, já era tudo mais...

M: É. Era uma turma mais reservada né?

A: Sim.

M: Porque, aqui, todo mundo ajudava um ao outro... Agente fazia amizade com essa, com aquela... A gente conversava, a gente fazia festinha, reza....

A: Pois é, e todo o tipo de atividade que vocês faziam juntos unia a comunidade né?

M: É. E até hoje, a Candinha, a minha vizinha... Porque eu trabalhava

no hospital, o Márcia Braido (Hospital municipal de São Caetano), trabalhava doze horas no hospital... Tá certo, no outro dia eu não trabalhava né? Mas trabalhava doze horas por dia e tinha a minha neta, que veio morar comigo quando meu filho se separou. Então, às vezes, eu ligava pra Candinha, quando eu estava trabalhando e ela ia buscar a minha neta na escola.

Então ontem, nós estávamos comentando isso, a Candinha estava e o Fábio (filho de Marlene) disse: “Olha essa é a terceira vó da Nathaly” (risos). Porque tinha eu, a outra vó da minha neta, da parte da mãe, e a terceira vó que cuidou dela, que era a Candinha (risos) e eu falei: “Isso mesmo, é a terceira vó”.

Então você vê, até pras coisas... Pra ir no médico, o médico era em São Paulo, aí sempre alguém dizia: “Ah não, eu vou junto”, e ajudava a carregar a mochila das crianças, a gente ia tomar o ônibus no Rudge, era a maior festa... Era muito gostoso.

A: Que legal (risos). E hoje, continua assim?

M: Então, é que teve muita gente que mudou também, né? Mas os que continuam aqui, continuam iguais... Não estamos fazendo mais festa, porque não dá mais, mas aqui a gente sempre tá unido. Se uma precisa de alguma coisa, a outra já corre pra ajudar... Então as que estão ainda aqui, continuam.

A gente também tinha as crianças aqui que nem filho né?

A: As crianças da rua?

M: É, da rua. Eles eram pequenos né? Essas crianças que cresceram aqui, desde o tempo que eu vim morar aqui. Essas crianças viveram... Brincaram. Porque agora a turma não brinca, né? Fica só com o celular (risos), já “nenenzinhos” estão com o celular na mão... E aqui não, eles jogavam bola... As vezes um vizinho achava ruim que tacavam a bola na casa e falava que ia furar a bola (risos).

A: Sempre tem um vizinho mais chato (risos).

M: Às vezes eles faziam furo na calçada pra jogar bolinha de gude... Sabe aquelas bolinhas de gude? Furavam a rua pra jogar bolinha de gude!

(risos)

Ah faziam judas, sabe o judas de malhar? Faziam judas, penduravam no poste, colocavam uma roupa velha... Aí um dia passou um vizinho e disse: “Tô “conhecendo” esse pijama... Esse pijama é meu!” (risos) Era a esposa dele, que deu um pijama velho pras crianças usarem... Só sei que ele falou: “Tá bom, mas quem vai dar a primeira paulada no Judas vai ser eu!” (risos). Eu sei que as crianças que cresceram aqui, que agora já estão casados, já não moram mais aqui, se divertiram muito. Aqueles lá souberam ser crianças, brincar, né? Foi muito bom. Graças a Deus tenho coisas boas pra lembrar.

É isso que eu tenho pra contar... Eu sei que progrediu muito, progrediu muito a cidade.

A: Sim, progrediu.

M: Ah, por exemplo, o Tortorello. O Tortorello era louco pra plantar fruta na rua, porque ele morava no Matão, que era no interior, em algum lugar aí do interior... E quando eu entrei na prefeitura, já era o Tortorello...

A: Que era o prefeito...?

M: Isso, que era o prefeito. Já estava saindo o outro, que se eu não me engano era o... Braidó? Se eu não me engano era o Braidó... Então quando eu entrei, esse estava saindo e ele estava chegando. E ainda tem... Não sei se você vê, no centro de São Caetano que tem jaca... Não tem?

A: Sim, já vi uns pés de poncã também...

M: Sim, ele adorava mandar plantar frutas nas ruas, ele dizia: “Imagina que bom, uma pessoa vem andando, aí pega uma fruta e come...”; e eu lembro de um dia no hospital, quando ele chegou lá e reclamou que o hospital tinha muita “cara de hospital”. Ele disse que ia mandar plantar umas árvores de flores, bem bonitas, porque a pessoa não se sentiria em um hospital... Era o Maria e o Marcia Braidó. Então menina... Sabe o que os caras plantaram? No cemitério não tem essas árvores compridas?

A: Sim. Esses pinheiros?

M: Isso, eles plantaram aquilo e colocaram uns bancos em baixo, na frente do hospital. Menina... Um dia ele (o prefeito Tortorello) chegou lá e quando ele viu aquilo, ele disse: “O quê? Aqui não é cemitério! Pode arrancar essas árvores, eu disse que queria alguma coisa alegre! Para a pessoa entrar e sair do hospital bem, isso não!”. E arrancaram todas as árvores de lá (risos).

A: Minha mãe conta que esse prefeito era uma “figura” (risos). Mas então... A senhora contou que quando o seu marido ficou doente, a senhora prestou concurso e foi trabalhar. Quando a senhora entrou na prefeitura, você foi trabalhar no hospital primeiro?

M: Não, eu entrei na educação. Eu prestei pra enfermagem, porque eu sou técnica em enfermagem, e pra área da educação, prestei pros dois junto. Mas aí saiu pra educação, e eu fui trabalhar lá na Fundação (primeiro bairro de São Caetano, perto da ferrovia). Fui trabalhar lá e fiquei lá muito tempo. Só que nesse tempo, que eu fiquei lá, a escola Maria D’Agostini, começou a ser construída aqui no bairro e inaugurou.

A: E era bem mais perto né?

M: É, e eu já estava com o meu marido doente, ele ainda não estava de cama, mas estava doente já... Então eu pedi transferência pra cá. Então saiu a transferência e eu vim pra cá, porque aí se acontecesse alguma coisa, rapidamente eu já estava em casa... Se ele não estava bem, eu vinha rápido. Então fiquei um tempo aí.

Então me chamaram pela prefeitura para trabalhar na Fundação Anne Sullivan, com crianças especiais, sabe? E eu fui trabalhar na Anne Sullivan. Eu lembro que a minha diretora falou: “Marlene, eu não acredito que estão te chamando pra trabalhar na Anne Sullivan... Você com o seu marido doente... E vão te chamar pra trabalhar pra lá...” Mas aí eu fui trabalhar na Anne Sullivan, e depois, logo, logo meu marido faleceu.

Aí trabalhei bastante tempo na Anne Sullivan como enfermeira... Eu não sou enfermeira, eu sou técnica, mas trabalhei lá como técnica. Trabalhei com muitas crianças especiais, algumas se desenvolveram bem... Até fizeram faculdade. Fiquei muito tempo lá.

Foi quando eu estava lá que um dia me chamaram, já era o Auricchio o prefeito...

A: Ah, já é mais recente...

M: Isso. Então me chamaram e eu fui na prefeitura. Chegando lá, me disseram que era no hospital, então eu fui no hospital, no Marcia Braido. Aí chegando lá, estava uma secretária, da secretaria da saúde, e ela me falou que eu tinha sido remanejada pro hospital Márcia Braido. Eu gostei, porque lá na Anne Sullivan eu fazia o trabalho de enfermeira, mas eu ganhava como auxiliar de educação, como se eu ainda estivesse na escolinha aqui do bairro. E quando me chamaram lá, pra trabalhar no Marcia Braido, era pra ganhar mais.... Eu iria trabalhar doze horas, mas eu iria ganhar melhor...

E foi muito bom, eu fiquei com saudade das crianças... Lá da Anne Sullivan... Lógico, a gente se apegava né? Mas foi bom ir pro Marcia Braido, e quando eu cheguei lá, eu não fui direto pra enfermaria, eu fiquei, primeiro, escalada na brinquedoteca. Porque pra mim, como eu já tinha trabalhado com crianças especiais, quando chegava um surdo, por exemplo, eu já sabia como lidar, como fazer sinal pra sentar, pra comer... Porque você não pode pegar a criança sentar ela à força, pra não assustar.

Ai depois eu fui pro mesmo andar, pra pediatria, e fiquei lá até aposentar. Quando eu aposentei, eu voltei pra escola aqui.

A: Entendi, essa do bairro né?

M: Isso, quando eu aposentei, eu fiquei trabalhando na escola, na portaria. Porque eu pensei: “Eu é que não vou ficar sem trabalhar, parada”. Então fiquei na portaria, eu e uma outra, a Dona Maria. Os pais chegavam e entravam que nem “burro na cocheira” (risos). Não falavam um bom dia. Passavam reto. Mas eu falava pra todo mundo “bom dia”. A Dona Maria dizia que eu era boba, mas eu dizia: “Se esses daqui não aprenderem, eles não vão ensinar os filhos, e os filhos vão crescer iguais. Então eu vou fazer eles ficarem com tanta vergonha que eles vão responder” (risos). E só sei que fiquei lá até os 75 anos... Dizem que funcionário da prefeitura com 75 anos não pode trabalhar mais.

A: Ah tem essa lei...

M: Então, eu não tinha 75 anos ainda, mas estava “beirando”. Aí eu fui embora.

Aí eu pensei assim: “Logo eu que trabalhei tantas horas naquele hospital, agora vou ficar em casa? Vou nada!”. Aí fui na USCS (Universidade Municipal de São Caetano do Sul) e fiz faculdade da terceira idade, e me formei, fiz fisioterapia, aula de música...¹

A: Olha... que legal!

M: Pois é, fiquei mais de três anos lá, aí me formei. E estava pensando: “Agora vou fazer outra coisa”. Lá na faculdade, mas aí veio a pandemia... E parou tudo.

A: Entendi.

M: Agora estão falando que em agosto vão abrir as inscrições de novo.

A: E a senhora vai né?

M: Ah eu vou, com certeza.

1. Universidade Sênior é um programa que oferece cursos de extensão para pessoas acima de 50 anos.

Referências

Livros, Teses, Dissertações, Artigos, Jornais e Periódicos

BONDUKI, Nabil Georges. **Origens da habitação social no Brasil: Arquitetura Moderna Lei do Inquilinato e Difusão da Casa Própria**. São Paulo: Estação Liberdade, 2017.

CARVALHO, Cristina Toledo. **“Príncipe dos Municípios”**: a invenção da identidade de São Caetano do Sul (1948-1957)”. 2022. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2022.

CREPALDI, Lilian. **Babel nas terras alagadiças**: Revista Raízes, migrações e memórias em São Caetano do Sul. São Paulo: Gênio Criador, 2019.

CUCONATO, Mateus Merighi. **Azul Terracota**: Urbanização, Narrativa e Memória no Sacomã. 2019. Trabalho final de graduação. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.

DÉLI, Fernando Rodrigues. O povoamento e a circulação no Vale do Aricanduva, da colonização ao início da urbanização: momentos da fragmentação do espaço numa porção da Zona Leste paulistana. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 18, p. 81-103, 2005.

FABRETTI, Giancarlo Livman. **A metropolização vista do subúrbio**: Metamorfoses do trabalho e da propriedade privada na trajetória de São Caetano do Sul. 2013. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

LANGENBUCH, Juergen Richard. **A estruturação da grande São Paulo**: Estudo de geografia urbana. 1968. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro da Universidade de Campinas. Rio Claro, 1968.

KENDE, Pedro. IME - A primeira refinadora de petróleo do ABC. **Raízes**, São Caetano do Sul, n. 25, p. 11-22, jul. 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1994.

MARTINS, José de Souza. O bairro de São Caetano no censo de 1765. **Raízes**, São Caetano do Sul, ano II, n. 3, p. 12-19, jul. 1990.

_____. **Subúrbio - Vida Cotidiana e História no Subúrbio da Cidade de São Paulo**: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. São Paulo-São Caetano do Sul: Editora Hucitec, 1992.

MEDICI, Ademir. **Migração e Urbanização**: A presença de São Caetano na região do ABC. São Paulo-São Caetano do Sul: Editora Hucitec, 1993.

MORO JR., Enio. **O Alcance dos Planos Municipais de Revitalização Urbana**: O caso do Projeto Eixo Tamanduatehy, 1997-2002. 2005. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

NASCIMENTO, Flávia Brito; SCIFONI, Simone. Lugares de trabalho, cotidiano e moradia. **Revista memória em rede**, Pelotas, v. 07, n. 13, p. 69-82, jul/dez. 2015.

NOVAES, Manoel Claudio. **Nostalgia**. São Caetano do Sul: Editora Meca, 1991.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Notas sobre a urbanização dispersa e novas formas de tecido urbano**. São Paulo: Via da Arte, 2006.

RODRIGUES, Mário Porfírio. **Baú de Jornalista**. São Caetano do Sul: Academia de Letras da Grande São Paulo, 2015.

ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei**: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel: Fapesp, 1997.

SANTOS, Jayne Nunes dos. **Leituras da metrópole a partir da cidade de Mauá**. 2019. Trabalho final de graduação. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.

STASCHOWER, Enrique G. **Uma análise crítica da reestruturação urbana, um hiato de trinta anos no território da IRF Matarazzo - São Caetano do Sul (SP)**. 2019. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.

_____. A cidade e a indústria, na perspectiva de duas curvas. **Raízes**, São Caetano do Sul, n. 61, p. 62-70, set. 2020.

SUBDELEGACIA do Braz. **Correio Paulistano**, São Paulo, ano XXXIV, n. 9316, primeira página, 21 set. 1887. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_04&Pesq=S%c3%a3o%20Caetano&pagfis=9362>. Acesso em: 10 set. 2021.

TOURINHO, Andréa de Oliveira; YAMAUCHI, Gisele. Áreas Industriais Degradadas na Região do Grande ABC Paulista – Velhos Problemas, Novas Ideias. Quando as discussões transcendem as fronteiras nacionais e da gestão pública urbana. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS- GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, XVIII, 2019, Natal. **Anais ENANPUR 2019**.

TOURINHO, Andréa de Oliveira; YAMAUCHI, Gisele. A indústria foi embora, e agora? Discussões e experiências sobre as áreas industriais ociosas no Grande ABC Paulista, 1989-2019. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INVESTIGAÇÃO EM URBANISMO, XII, 2020, São Paulo.

TREBILCOK, Arnaldo. Aqui nasceu a indústria automobilística brasileira (General Motors). **Raízes**, São Caetano do Sul, n. 06, p. 30-32, jan. 1992.

Leis

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL. Lei Municipal n. 485. São Caetano do Sul, 4 de out. 1954 (Processo n. 978/54). Disponível em: <<http://administracaoweb.saocaetanodosul.sp.gov.br/upload/legislacao/12392.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2021.

_____. Lei Municipal n. 1.398. São Caetano do Sul, 8 de out. 1965 (Processo n. 3150/65). Disponível em: <<http://administracaoweb.saocaetanodosul.sp.gov.br/upload/legislacao/9852.pdf>>. Acesso em: 28 mai. 2022.

_____. Lei Municipal n. 4.438. São Caetano do Sul, 9 out. 2006 (Processo n. 4461/05). Disponível em: <<http://administracaoweb.saocaetanodosul.sp.gov.br/upload/legislacao/919.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2022.

_____. Lei Municipal n. 4.944. São Caetano do Sul, 27 out. 2010 (Processo n. 2120/81). Disponível em: <<http://administracaoweb.saocaetanodosul.sp.gov.br/upload/legislacao/15569.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2021.

_____. Lei Municipal n. 5.374. São Caetano do Sul, 9 dez. 2015 (Processo n. 341/15). Disponível em: <<http://administracaoweb.saocaetanodosul.sp.gov.br/upload/legislacao/23555.pdf>>. Acesso em: 28 mai. 2022.

Depoimentos

BONDUKI, Nabil G.; LANGENBUCH, Juergen R.; MARTINS, José de Souza. Periferia Revisitada. [Entrevista concedida a] Renato Cymbalista, Cristina da Silva Leme e Sarah Feldman. **Espaço e Debates**, São Paulo, n. 42, p. 75-99, 2001.

DAMAS, Marlene. Depoimento. [Entrevista concedida a] Ana Paula Borges. São Caetano do Sul, 2022.

RODRIGUES, Maria. Depoimento. [Entrevista concedida a] Ana Paula Borges. São Caetano do Sul, 2022.

